

PORTVGALIA

NOVA SÉRIE, VOLUME XXXVIII



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

2017

PORTVGALIA

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

2017

DIRECTOR / EDITOR:
Mário Jorge BARROCA

COMISSÃO EDITORIAL / EDITORIAL BOARD:
Andreia AREZES
Mário Jorge BARROCA
Rui MORAIS
Sérgio Emanuel Monteiro RODRIGUES
Maria de Jesus SANCHES
Teresa SOEIRO

COMISSÃO CIENTÍFICA / SCIENTIFIC BOARD:
Jorge de ALARCÃO (Universidade de Coimbra)
Martin ALMAGRO (Real Academia de la Historia, Madrid)
Joaquim Pais de BRITO (Museu de Etnologia, Lisboa)
Luis CABALLERO ZOREDA (CCHS-CSIC, Madrid)
Domingos de Jesus da CRUZ (Universidade de Coimbra)
João Pedro CUNHA-RIBEIRO (Universidade de Lisboa)
Germán DELIBES DE CASTRO (Universidad de Valladolid)
Carlos FABIÃO (Universidade de Lisboa)
Maria Paz GARCÍA-BELLIDO (CEH-CSIC, Madrid)
Francisco GRACIA ALONSO (Universidad de Barcelona)
José Avelino GUTIERREZ GONZALEZ (Universidad de Oviedo)
Sónia GUTIERREZ LLORET (Universidad de Alicante)
Wenceslas KRUTA (Université de Paris 4 - Sorbonne)
Patrick LE ROUX (Université de Paris 13 - UFR LSHS)
José Maria Amado MENDES (Universidade de Coimbra)
Ángel MORILLO CERDÁN (Universidad Complutense de Madrid).

TÍTULO / TITLE:

Portvgalia

Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Journal of Archaeology of the Department of Heritage Studies, Oporto University - Faculty of Arts

LOCAL: Porto

EDITOR: Departamento de Ciências e Técnicas do Património - Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ISSN: 0871-4290 DOI da revista: 10.21747/09714290/port/

ISSN DIGITAL: 2183-3516 DOI do volume: 10.21747/09714290/port/38

DEPÓSITO LEGAL: 189069/02

IMPRESSÃO: Gráfica Vicentina, Unipessoal Lda.

ENDEREÇO / ADDRESS:
PORTVGALIA
A/C Mário Jorge BARROCA
Via Panorâmica, s/nº
4150-564 PORTO

INTERCÂMBIO / EXCHANGE:
PORTVGALIA
Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/nº
4150-564 PORTO

Revista com Arbitragem Científica / Journal with Peer Review

A PORTVGALIA está indexada nas seguintes bases de dados: Academic Search Complete/EBSCO, DIALNET, ERIH Plus, Fonte Académica/EBSCO e Latindex.

PORTVGALIA is indexed in the following databases: Academic Search Complete/EBSCO, DIALNET, ERIH Plus, Fonte Académica/EBSCO and Latindex.

Solicita-se permuta - We would like exchange - On prie bien de vouloir établir l'échange
Sollicitiamo scambio - Tauschverkehr erwünscht

O ABRIGO RUPESTRE DA FOZ DO RIO TUA NO CONTEXTO DA ARTE PALEOLÍTICA E PÓS-PALEOLÍTICA DO NOROESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

Joana Castro Teixeira

CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória.
joanacastroteixeira@gmail.com

Maria de Jesus Sanches

Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória.
msanches@letras.up.pt

ABSTRACT

The Foz do Tua Rockshelter is located in river Douro hydrographic basin. The rockshelter use, during prehistory, occurs according to a long-term chronology, which goes from 30 000/ 20 000 BP to 4 000 BP. There are also Contemporary engravings. Within Foz do Tua Rockshelter we can count at about half a hundred of engraved and painted panels according to various techniques and compositions. The present paper exposes the investigation that has been made in Foz do Tua, describes its iconography and discusses the chronology of its panels/ motifs, based on the regional archaeological data available for Prehistory and Rock art of the northwest Iberia.

Keywords: Palaeolithic rock art; post- Palaeolithic rock art: devil claw engravings; gesture and engraving; NW of Iberia.

RESUMO

O abrigo da Foz do Tua, situado na bacia hidrográfica do rio Douro, acusa uma inusitada longa duração pré-histórica entre, aproximadamente, 30 000/ 20 000 BP e 4 000 BP, contando ainda com gravuras de Época contemporânea. Identificaram-se neste abrigo cerca de meia centena de painéis gravados e pintados segundo diversas técnicas e organizações internas. Este texto expõe a investigação ali realizada, descreve a iconografia bem como os painéis mais representativos e defende, discutindo, propostas cronológicas e interpretativas para os diferentes painéis/ motivos, baseando-se na documentação arqueológica publicada sobre a Pré-história, e em particular sobre arte rupestre no NW da Península Ibérica.

Palavras-chave: arte rupestre paleolítica e pós-paleolítica; gravuras do tipo unhada do diabo; gesto e gravura rupestre; NW da Península Ibérica.

1. INTRODUÇÃO

O Abrigo da Foz do Rio Tua foi identificado no âmbito dos trabalhos de prospecção para o Estudo de Impacte Ambiental (EIA) do Aproveitamento Hidroeléctrico de Foz-Tua, realizados por João

Carlos Caninas e Francisco Henriques, ao serviço da empresa *Emerita, Lda.* (CANINAS *et alli* 2008). No seguimento destes trabalhos, foi preconizado para este “abrigo com arte rupestre”, no âmbito das directrizes estipuladas pela Declaração de Impacte Ambiental (DIA) da barragem de Foz-Tua, o registo detalhado do mesmo. Neste registo estava incluído o decalque directo dos painéis com grafismos rupestres (medida 15 da DIA).

Durante o cumprimento dos trabalhos estipulados em sede da DIA, adjudicados à empresa *Eméríta Lda.* e realizados em co-direcção por Joana Castro Teixeira, co-signatária do presente texto, e ainda por Joana Valdez-Tullett e Alexandre Lima, foi notada a existência de um número muito mais elevado de painéis, conferindo ao espaço do abrigo uma densidade notável de áreas com grafismos, sublinhando-se assim este como uma muito importante e expressiva ocorrência regional. Por outro lado, a identificação do painel 31, com grafismos de tipologia figurativa claramente atribuível ao Paleolítico Superior, estendeu ao Vale do Tua o mapa da arte de ar livre deste período, com a sua máxima expressão no Vale do Côa, e confirmou para este sítio uma diacronia mais alargada do que inicialmente se tinha considerado (VALDEZ-TULLETT 2013; SANCHES & TEIXEIRA 2013; TEIXEIRA, VALDEZ-TULLETT & SANCHES 2016).

Após a conclusão das medidas que davam cumprimento à DIA, os trabalhos de estudo mais contextual, por um lado, e de integração regional, por outro, têm vindo a ser continuados pelas signatárias do presente texto. Nestes tem-se procedido a uma análise mais exaustiva do abrigo e suas figurações, a nível endótico, painel a painel, dando lugar, simultaneamente, ao aprofundamento de alguns dos levantamentos realizados, sobretudo no respeitante às relações dos diferentes motivos/técnicas dentro do mesmo painel e no conjunto do sítio. Esta análise implicou novas visitas ao campo pelas mesmas signatárias, a fim de “corrigir” eventuais falhas e/ou recolher informação relevante ausente dos levantamentos originais, estes plasmados no Relatório entregue na Tutela do Património (VALDEZ, TEIXEIRA & LIMA 2011). Ao nível da integração regional temos vindo a focar-nos sobretudo no caso do conjunto graficamente mais expressivo deste sítio: as “unhadas do diabo” associadas com traços lineares muito finos (incisões finas) que com aquelas se articulam de modo estreito (SANCHES & TEIXEIRA 2013; no prelo). Com efeito, por considerarmos que residia neste abrigo um aporte de dados muito relevante, revisitamos os estudos que já davam conta deste tipo de grafismos como um grupo regionalmente muito específico que, por certo, dada a sua expressão quantitativa, teria aqui um significado/uso muito importante (SANCHES 1992). A cronologia e enquadramento cultural destas manifestações – unhadas do diabo ou fusiformes – era uma discussão que se encontrava como que imersa numa grande nebulosa, sobretudo pela falta de dados que permitissem tanto a sua caracterização técnica específica, como atribuições cronológicas mais fundamentadas. Neste sentido, a discussão reiniciada com o estudo do Abrigo da Foz do Tua saiu reforçada com a posterior descoberta, no painel 1 do Abrigo do Passadeiro, em Palaçoulo, Miranda do Douro, de um veado de estilo subnaturalista articulado no mesmo painel com grafismos do tipo unhada do diabo/ incisões finas (SANCHES & TEIXEIRA 2014; no prelo). O estudo correlacionado destes dois sítios contribuiu assim, inegavelmente, para um amplo e incontornável debate científico em torno deste assunto (SANCHES & TEIXEIRA 2013; 2014; REIS 2014). Nele se deixou também em aberto a hipótese de uma raiz paleolítica ou epipaleolítica/ neolítica (antiga) desta tradição de gravação (SANCHES & TEIXEIRA 2013; 2014; no prelo), retomando antigas linhas interpretativas de Maria de Jesus Sanches (SANCHES 1996) e Mário Varela Gomes (GOMES 2002), e em concordância com os dados que há muito vinham sendo publicados para a Cantábria e Astúrias (FORTEA-PÉREZ 2000-2001).

No presente artigo temos como principal objectivo apresentar e discutir uma visão de conjunto, mais ampla, do sítio do Abrigo da Foz do Rio Tua. É esta que, com efeito, está a faltar no conjunto de textos até agora publicados onde, mais directa ou indirectamente, foi abordada esta estação rupestre, ora de uma forma mais resumida (VALDEZ-TULLETT 2013; TEIXEIRA, VALDEZ-TULLETT & SANCHES 2016), ora, como já referimos, dando enfoque a aspectos mais específicos do seu con-

junto de grafismos (SANCHES & TEIXEIRA 2013; SANTOS, SANCHES & TEIXEIRA 2015; SANCHES & TEIXEIRA, no prelo).

2. LOCALIZAÇÃO, IMPLANTAÇÃO NA PAISAGEM E MORFOLOGIA DO ABRIGO DA FOZ DO TUA

O Abrigo da Foz do Rio Tua localiza-se na freguesia de São Mamede de Ribatua, concelho de Alijó (Trás-os-Montes, norte de Portugal). Implanta-se na margem direita do rio Tua, ocupando a quase embocadura do rio no seu encontro com o Douro (Fig. 1).

Nesta embocadura uma imponente escarpa xisto-grauvática, de coloração castanho- avermelhado e com declives marcadamente acentuados, incorpora o abrigo que se abre na sua base, no que se pode considerar ainda leito de cheia do rio¹.

As fracturas características do tipo de formação rochosa que aqui encontramos tendem a criar volumes paralelepípedicos alongados ou achatados, que definem superfícies relativamente lisas e regulares. O abrigo destaca-se por se constituir como a única fenda deste género aberta nas paredes xistosas da escarpa.

De acordo com publicações anteriores (TEIXEIRA, VALDEZ-TULLETT & SANCHES 2016), o abrigo define-se morfológicamente por uma diáclase horizontal que terá dividido o maciço em duas partes distintas, ambas em rocha: a que se constitui como solo – denominada para efeitos de registo, de Unidade inferior –, e aquela que se lhe sobrepõe – Unidade superior. Observa-se igualmente o recuo do limite definido pela parte superior, recuo este que foi definido pela acção da própria erosão, lascamento e desprendimento de blocos rochosos. Destes fenómenos resultaram assim várias das superfícies aplanadas onde hoje podemos observar os grafismos rupestres. Na sua entrada o abrigo permite que o observador se mantenha de pé, ainda que o espaço vá afunilando em direcção ao fundo, onde adquire uma altura muito reduzida, esta decorrente da configuração morfológica e distribuição espacial da rocha, tanto acima como abaixo da diáclase horizontal (TEIXEIRA, VALDEZ-TULLETT & SANCHES 2016) (Fig. 2, 2).

Para melhor articulação do estudo, a fenda principal, voltada a sudeste (descrita acima) foi designada como *Abrigo A*. Todavia, a montante desta, mas integrando ainda o mesmo “corpo rochoso”, o desenvolvimento de novas diáclases, desta feita desenvolvidas apenas segundo o sentido longitudinal, conduziu à criação de uma pequena pala definida segundo a direcção natural dos planos de xistosidade em torno da qual se definiu o conjunto que, metodologicamente, designamos como parte B do Abrigo, ou *Abrigo B*.

A grande fenda, ou *Abrigo A*, encontra-se genericamente voltada para sudeste e é formada, repetimos, por uma falha horizontal que divide o maciço rochoso em duas unidades, uma denominada de Unidade Superior e a outra de Unidade Inferior, como atrás dissemos. A primeira corresponde ao bloco superior da fenda horizontal, sendo genericamente composta pelo tecto do abrigo, bem como pelas suas paredes laterais. Relativamente à Unidade Inferior, remete para o bloco rochoso inferior que forma a própria base do abrigo (Fig. 2, 2).

3. AS ICONOGRAFIAS DO ABRIGO DA FOZ DO TUA. PAINÉIS, TÉCNICAS E GESTOS HUMANOS NA LONGA TEMPORALIDADE

O Abrigo da Foz do Rio Tua encontra-se profusamente gravado e, constituindo neste conjunto a excepção, apresenta também um painel pintado com motivos esquemáticos. No total, *Abrigo A* e *Abrigo B*, somam 48 painéis dispostos segundo diversos planos e orientações, de acordo com o

1 São evidentes os indícios que atestam a cíclica inundação do interior do abrigo, havendo igualmente vestígios de que por vezes este terá ficado mesmo submerso.

tipo de diáclases que os originou. Os 48 painéis surgem concentrados num espaço relativamente limitado (sobretudo no Abrigo A) de modo que, aparentemente, é quase impossível encontrar superfícies sem desenhos.

Destaca-se assim neste sítio, a par da expressiva densidade de figurações, uma grande variedade técnica e uma complexa articulação entre técnicas e motivos, que em muitos casos implicou uma preparação prévia das superfícies - caso, por exemplo, da área superior do painel 5 do Abrigo A, que parece ter sido previamente polida (Fig. 13, 2 e Fig. 15). No tempo longo de uso do abrigo, destaca-se ainda um “modus operandi” de execução aditiva de motivos e de possíveis reavivamentos de alguns desenhos gravados (TEIXEIRA, VALDEZ-TULLETT & SANCHES 2016).

Procuramos assim neste ponto desenvolver algumas considerações sobre a articulação entre técnicas/gestos, motivos e superfícies no Abrigo da Foz do Rio Tua recorrendo, sempre que se justifique, a um enfoque descritivo sobre alguns dos painéis que consideramos de particular relevância enquanto exemplos dos principais aspectos que queremos enfatizar.

3.1. Os motivos gravados animalistas

O painel 31 do Abrigo A constitui a marcada exceção ao contexto iconográfico fundamentalmente abstracto do abrigo (Fig. 3). Este painel, situado numa superfície frontal, localizada na lateral sul do corpo do abrigo – que é um painel exterior topograficamente destacado e completamente desabrigado –, apresenta duas figuras zoomórficas, naturalistas, com grandes afinidades com os motivos conhecidos para a fase antiga da arte Paleolítica do Vale do Côa.

Identificámos assim neste painel dois veados alinhados, gravados pela técnica de picotado e abrasão, sendo o da direita uma composição mais complexa porquanto um segundo pescoço/cabeça animalista entronca no seu corpo. Trata-se do pescoço e cabeça de um cavalo. Este facto é, de resto, frequente na arte paleolítica do Vale do Côa onde vários exemplos de animação têm sido referenciados (LUIS 2012). No caso deste veado há, contudo, ainda uma outra adição à figura original. Com efeito, por debaixo da cabeça do cavalo, consegue-se ainda perceber a cabeça de um auroque. Terá sido, na verdade, a cabeça deste auroque que posteriormente foi transformada na cabeça do cavalo, adicionando-se-lhe a crina e destacando as orelhas a partir dos chifres.

Quando falamos de uma fase antiga, estamos a considerar uma arte que será anterior a cerca de 20.000 anos, podendo ser tão antiga como 30.000 BP (SANTOS, SANCHES & TEIXEIRA 2015: 84). O limite superior deste intervalo tem por base as similitudes desta arte com outras manifestações artísticas bem datadas pela estratigrafia ou por datações absolutas como o Carbono 14 (SANTOS 2015: 84), assim como pelos trabalhos arqueológicos no vale do Côa, destacando-se o estudo da rocha 1 do Fariseu e das suas relações com as camadas arqueológicas escavadas à sua frente, tendo-se encontrado na [8] datada de há 18.400 ± 1600 BP, um fragmento gravado dessa mesma rocha (AUBRY, SANTOS & LUÍS 2014). O limite mais antigo do intervalo cronológico apontado baseia-se ainda na descoberta de picos (utensílios líticos utilizados na gravação) na camada [3] do sítio da Olga Grande (também no Vale do Côa) datada pela termoluminiscência de um período entre 31.000 ± 2500 e 26.800 ± 2500 BP (AUBRY & SAMPAIO 2009).

No Abrigo B, ou pala, devemos aqui destacar também o painel 2 (Fig. 4, 1). Trata-se de um grande painel, numa superfície inclinada, que ocupa uma zona desabrigada e que, por conseguinte, se encontra bastante exposto aos agentes erosivos. Com efeito, grande parte da sua superfície original desapareceu em consequência de sucessivas lascagens e outros fenómenos de meteorização. Tratando-se de um painel que teria sido gravado, estamos deste modo perante uma observação muito truncada do que possam ter sido os motivos representados². Em todo o caso, pela técnica que aí observamos, sulcos definidos por picotagem, e sua similitude com a presente

² Este painel ainda só foi limpo na sua metade inferior pelo que uma limpeza da parte superior, que pretendemos ainda fazer, pode vir a mostrar novos motivos.

no painel 31, bem como pela configuração dos mesmos, não podemos deixar de considerar, como hipótese, uma relação cronológica entre estes dois painéis. Na realidade, no painel 2B parece ser possível vislumbrar um sulco que se assemelha ao dorso rectilíneo de um animal voltado para o lado direito.

Ainda no âmbito da arte animalista do Abrigo da Foz do Rio Tua, é de referir o painel 7 do Abrigo A (Fig. 7) onde identificámos pelo menos três motivos de peixes subnaturalistas, sugeridos por uma técnica de feixes de incisões finas, com paralelos na arte do Vale do Côa [por ex. José Esteves 16, Canada do Inferno 14 e Penascosa 10 (BAPTISTA 2009)], ou mesmo em Siega Verde, em particular no seu painel 48 (BUENO, BALBÍN & ALCOLEA 2009: 267). Estilisticamente, enquadrámos esta composição na transição Paleolítico superior/Epipaleolítico ou mesmo no Epipaleolítico (SANCHES & TEIXEIRA 2013), tendo sido estes motivos animalistas de pequena dimensão e corpos fusiformes organizados por Bueno, P. Balbin, R. e Alcolea, J. J. (2009) num grupo datado do Tardiglaciar, que denominaram de Estilo V. Voltaremos ainda à discussão deste painel no ponto seguinte.

3.2. Os motivos abstractos rasgados a abrasão profunda (“unhadas do diabo”) e as incisões lineares finas

A maioria dos painéis do Abrigo da Foz do Rio Tua apresenta figurações totalmente abstractas formadas por associações e sobreposições de riscos lineares, nalguns casos pertencentes à mesma cadeia operatória, ou processo de gravação. Alguns destes riscos, embora quantitativamente os mais expressivos, mas graficamente os menos visíveis, são muito finos e muito pouco profundos. Outros apresentam uma profundidade média que varia entre 2 e 3 milímetros. Porém, os mais expressivos do ponto de vista visual e técnico, são as denominadas unhadas do diabo³. Estes apresentam-se como riscos cujo comprimento varia aprox. entre 7 e 20 cm, de tendência rectilínea, profundamente gravados por abrasão pois chegam a atingir 5 ou 6 milímetros de profundidade. Normalmente são mais profundos na sua parte central, e tem claramente um perfil em V agudo o qual resulta do acto de riscar repetidamente o sulco, sempre com o mesmo movimento de vai e vem. A incisão mais profunda, a aparente simplicidade gráfica, ou elementaridade, e a repetição de linhas constituem, por outro lado, o aspecto visualmente mais marcante já que são estes os desenhos que se destacam quando nos vamos aproximando dos painéis. Desenhavam normalmente motivos simples que acentuam a sua linearidade, quer dizer, combinam-se em “associações gráficas” aparentemente pouco complexas. Não podemos, contudo, deixar de contrapor a esta aparente elementaridade gráfica um formalismo que se denota na disposição tendencialmente vertical das unhadas e na repetição de alguns grupos gráficos como sejam, por exemplo, as bandas de traços paralelos, os pares de traços em posição paralela ou ligeiramente angular, e os pares dispostos em forma de “v”, y ou *lambda* (Fig. 10, Quadro 1). O que pretendemos dizer é que, à simplicidade do elemento gráfico “unhada”, não corresponde uma disposição caótica das mesmas, ou seja, verifica-se/revela-se como que um princípio organizativo culturalmente estabelecido o qual, nas suas linhas gerais, procuramos já anteriormente sistematizar (), mas que, pela sua importância, apresentamos aqui de novo com algumas revisões (Fig. 10, Quadro 1; SANCHES & TEIXEIRA 2013, fig. 12; SANCHES & TEIXEIRA 2014, Fig. 5).

Os grupos de unhadas e incisões lineares simples apresentam-se como motivo único num considerável número de painéis. No entanto, aparecem também combinadas com covinhas ou martelados soltos, sejam estes mais antigos ou, em muitos casos, resultado de gestos mais recentes. Surgem ainda, em elevado número, em painéis de grandes dimensões, ou, outrossim, isolados ou em grupos muito pequenos de riscos (casos, por exemplo, do painel 2 ou 12, do Abrigo A).

3 Este tipo de motivos é ainda conhecido na bibliografia arqueológica como gravuras litotrópticas (SANTOS JÚNIOR 1963), como motivos fusiformes, ou mesmo aguçadeiras. Mas aqui preferimos o termo “unhadas do diabo” por tal denominação se adequar melhor ao imaginário popular: o local onde o Diabo aguça as unhas.

Passemos, assim, à discussão de alguns dos painéis mais representativos a fim de melhor ilustrarmos a diversidade de situações por detrás destes motivos em si tão formalizados.

O painel 6 do Abrigo A [Unidade superior] é um dos painéis graficamente mais expressivos do conjunto do abrigo (Fig. 9). É também um painel único pela combinatória de técnicas e motivos que apresenta, além de que encerra nele próprio uma longa diacronia de uso, na qual a sequência de momentos não é, nalguns casos, fácil de destrinçar. Com efeito, a sucessão complexa de gestos de gravação, de sucessivos reavivamentos, a par da não menos complexa história de meteorização da superfície, envolvendo a formação de concreções, pátinas, biofilmes e vários momentos de lascagem, tornam muito difícil a interpretação das acções na sua temporalidade. Neste painel, e por isso o destacamos neste ponto, salta à vista do observador a combinatória de figuras lineares, de profundidade variada, com covinhas, embora não sejam estes os únicos motivos presentes. As unhas do diabo, bem como os riscos mais finos associados, parecem desenvolver-se ao longo de sete ou oito bandas sub-horizontais paralelas e, nalguns casos, parcialmente justapostas. Ao longo destas bandas, os riscos (unhas e/ou linhas mais finas) organizam-se na sua maioria de forma paralela entre si, aparecendo também alguns riscos dispostos angularmente, nomeadamente segundo a configuração em λ , em λ invertido, ou em y (Fig. 10, Quadro 1: situações 3 e 2, respectivamente). Neste painel 6, pesem embora as dificuldades referidas acima, foi-nos possível, pelo menos parcialmente, observar o processo estratigráfico à escala do desenho. A gravação do painel ter-se-á iniciado com um conjunto de, pelo menos, cinco covinhas⁴ (05); aquela prossegue através da sobreposição dessas covinhas por riscos finos, lineares, pouco profundos, por riscos de profundidade média e ainda por riscos profundos ou unhas (04). Segue-se o reavivamento de algumas das unhas. Este reavivamento ocorre num momento (seja este curto ou de maior duração) em que se começam a gravar novas covinhas pelo que não conseguimos separar completamente os momentos (04/03). Contudo, no que se considera como sendo o momento (03) são gravadas 18 covinhas bem definidas e profundas. Sobre este conjunto de desenhos surgem agora martelados soltos de época recente (sem pátina), notando-se aqui ainda algum reavivamento de unhas, (02). São ainda de época recente os alfabéticos e mesmo uma data (01).

Relativamente a este painel 6 o que mais importa destacar, sobretudo no que às unhas e riscos finos diz respeito, é que o processo de gravação das unhas/incisões finas e das covinhas parece entrelaçar-se e é difícil de separar temporalmente/estratigraficamente de modo discreto. No entanto, podemos dizer que a gramática de organização das unhas não se altera pela presença das covinhas, ou seja, não há um rearranjo formal das primeiras decorrente da presença das segundas, o que parece querer dizer que os dois grupos de motivos se mantêm de alguma forma independentes um do outro. Este é, contudo, pelo que já referimos, um painel de muito difícil leitura. Além do mais, o reavivamento de algumas unhas – talvez motivado pela grande expressão “presencial” do painel no conjunto dos restantes deste abrigo, que o torna visualmente atractivo e próximo do olhar –, parece ter ocorrido até tempos bem recentes, causando ainda um maior distúrbio no exercício de tentar isolar momentos/gestos de gravação.

O painel 7 [Unidade superior] é um outro painel que julgamos fundamental discutir no contexto dos motivos lineares predominantes na Foz do Tua (Fig. 7). Ainda que este painel apresente o que consideramos serem figuras subnaturalistas de peixes, como referimos no ponto 3.1, é um painel que se caracteriza por um grande dinamismo, e mesmo “transformação” gráfica, a despeito da quantidade e variedade de traços de carácter abstracto aí também figurados. Desenharam-se neste painel, como já vimos, 3 peixes de corpo estriado. No entanto, a presença de “feixes” de riscos (Fig. 10, Quadro 1, situação 4) e o modo como a composição se estrutura, induzem à percepção quer de movimento, quer de pequenos outros peixes que se organizam de modo a integrar partes dos peixes de maior dimensão, e de percepção mais imediata, que se orientam no sentido

4 Ocorrem no painel quatro covinhas (uma de pequena dimensão) que não conseguimos integrar na sequência proposta por não se relacionarem estratigraficamente com nenhum outro motivo (a).

ascendente do painel. Estamos claramente perante um desenho que definiríamos pelos termos de movimento (dos peixes, da água), transformação e desdobramento, e assim, ainda que marcado pelo esquematismo do desenho, integra o naturalismo na composição se vista como um todo uno. A composição do painel é constituída na sua grande maioria por incisões lineares finas, formando feixes, como referimos, mas apresenta igualmente linhas mais profundas, do tipo unhada. Neste caso, somos da opinião de que estas últimas integram, com as primeiras, um todo composicional. Com efeito, estes riscos mais profundos parecem ser os que precisamente enfatizam algumas das linhas dos motivos (e em concreto dos peixes), conferindo e reforçando no desenho o carácter de movimento e transformação que referimos acima. É de mencionar ainda, no mesmo sentido, um grupo de riscos finos que desenha um motivo sub-rectangular, articulado na sua parte central com duas unhas (Fig. 10, Quadro 1, situação 6), configurando, talvez, uma formalização idêntica à de outras figurações geometrizaras datáveis do Tardiglaciário (como no Côa e Siega Verde, já referidos atrás, mas nestes casos sem a presença de unhas). De referir ainda neste painel um grupo de seis riscos organizado em banda de unhas paralelas, que parece, ainda assim, à primeira observação, deslocar-se um pouco mais da composição. Não cremos que, em todo o caso, tal grupo não possa igualmente fazer parte do conjunto de linhas enfatizadas que sugerem, neste caso, a ideia do movimento que julgamos plasmada neste painel. De acrescentar ainda, para o caso do painel 7, a intensa picotagem solta, aposta aos demais motivos, fazendo-se notar que, se na grande maior parte estes picotados correspondem a acções mais recentes, ocorrem mesmo assim alguns outros que, pela pátina, nos parecem ser mais antigos. Cabe também anotar que este painel se encontra ao alcance do olhar, mas num sítio tão escondido do abrigo (o mais escondido do conjunto) e tão exíguo que somente uma pessoa e, a custo, duas, poderiam observar os seus motivos.

Das diferentes superfícies que constituem o solo do abrigo A destacam-se, pela extensão e outros particularismos, os painéis 9-10-11, que aqui passamos a denominar somente de painel 9; e os painéis 13-14-15-16-17, que passamos a denominar de 13. Trata-se, em ambos os casos, de superfícies contínuas (embora com irregularidades e diversos planos), o que justifica a sua junção descritiva e interpretativa⁵.

O painel 9 (Fig. 11) alonga-se perpendicularmente ao plano da abertura do abrigo, estando coberto/protegido até à sua parte média pelo tecto, e descoberto na parte restante.

É uma superfície inclinada (c. de 45° de inclinação), virada a NE, muito erodida pela passagem das águas do rio (pois fica coberto na altura das cheias) e pela passagem das pessoas. A quase totalidade dos riscos situa-se na parte mais protegida e consiste em associações de pares de unhas muito curtas – dispostas em V ou paralelas entre si – e ainda de pequenas martelagens, organizadas espacialmente em grupos, embora dois destes se destaquem pela complexidade e tamanho relativo.

Este painel merece ainda destaque sobretudo por apresentar um conjunto de figuras lineares que se dispõem entre si de forma a configurar um motivo que é, neste sítio, excepção⁶. Trata-se de uma longa linha de tipo unhada, com 20 cm – e que representa, no abrigo da Foz do Tua, a figura mais longa deste tipo – e que ocorre em posição horizontal. Ao longo do seu traçado, outros riscos mais curtos, em posição que lhe é oblíqua – mas mais abundantes na sua banda superior – compõem uma figura de tipo espinha. Este motivo em espinha é único no contexto do abrigo. Nas Fragas do Diabo ocorre um motivo aparentemente similar, onde uma unhada longa e horizontal parece querer delimitar o topo de uma banda de outras unhas paralelas e mais curtas, verticais ou subverticais. Também no Abrigo do Passadeiro (SANCHES & TEIXEIRA 2014; no prelo), uma destas unhas horizontais atravessa uma banda de outras unhas gravadas anteriormente (SANCHES

⁵ Alguns dos painéis, embora individualizados numa fase preliminar de registo de campo, foram posteriormente agrupados num só, após analisadas as continuidades físicas e gráficas das superfícies gravadas. É o caso destes dois painéis.

⁶ Tal como constitui excepção à escala regional.

& TEIXEIRA 2014: Fig. 4, 2). O mesmo parece acontecer em Ridevides⁷. Embora estes outros exemplos regionais possam corresponder a variações formais da mesma figura, esta configuração mais de tipo espinha, onde o primeiro gesto é o horizontal e onde é este que vai determinar os subseqüentes, parece por ora ser exclusivo do Abrigo da Foz do Tua. No segundo grupo de gravuras que queremos destacar neste painel 9, ocorre um pequeno friso de unhas, a par de outras linhas mais finas, em posição concordante com as primeiras. Esta composição poderia ser entendida como uma banda de linhas subparalelas, embora nos pareça mais que, pelo menos em três casos, a banda resultou da sequência aditiva de pares de riscos (dois destes até dispostos mais segundo uma configuração angular). De destacar ainda a intensa picotagem solta sobre estes dois grupos de motivos que, no caso do segundo, resultou mesmo na gravação de uma pequena e não muito profunda covinha. Ao longo do painel ocorrem ainda, de forma mais dispersa, alguns traços soltos ou em par. Importante aqui também referir a grande dificuldade de, no momento de execução do levantamento, bem como em cuidadas observações posteriores, discernir, sem hesitação, quais os traços e picotados que representam gravuras, dos outros que serão fruto do acaso e da exposição do painel à passagem a pé, bem como à cheia do rio. Com efeito, a profusão de traços finos é grande nestas superfícies do chão e admitimos que outros mais, além daqueles representados em decalque, pudessem corresponder a uma acção antrópica intencional. Adoptamos, aqui, contudo uma postura de prudência e representamos no levantamento apenas aquelas linhas que nos pareceram mais certas enquanto gravuras.

Atentando agora no painel 13, podemos dizer que este é um dos mais interessantes do abrigo pois nele se verificam tanto actos de riscagem de unhas, riscos finos e martelagem, como de criação de um canal estreito, em posição longitudinal, percorrendo o topo do painel (Fig. 12; Fig. 13, 1). Este aproveitou duas depressões alongadas naturais pré-existent – a mais interior bastante estreita mas comprida –, a que foram acrescidas acções de desbaste por abrasão com o fito, que parece bem evidente, de armazenar e conduzir a água que nasce (e também precipita) no interior bem estreito da fenda, conduzindo-a para a boca da mesma onde, após se armazenar numa pequena depressão natural, escorre para o patamar inferior. Daqui se dispersaria a água em direcção ao exterior, a não ser que fosse previamente captada. Mesmo no verão tal canal mantém-se frequentemente húmido, revelando a existência de uma nascente quase permanente.

Trata-se de um painel totalmente interior [Inferior-interior] e somente nas zonas onde é possível permanecer sentado, ainda que inclinado, é que tem gravuras.

O canal parece estruturar espacialmente a composição pois é numa e noutra das superfícies que o ladeiam que se encontram grupos de unhas, incisões finas e martelados.

Assim, de um lado e do outro deste pequeno canal de água, antropicamente enfatizado, ocorrem então alguns conjuntos de figuras lineares, tanto profundas (unhas), como traços mais finos e ainda martelagens. Relativamente à estruturação interna dos grafismos lineares, podemos dizer que esta ocorre no geral segundo as organizações mais frequentes, isto é, em grupos de riscos que na sua maioria se organizam/dispõem de forma tendencialmente paralela ou pares de riscos em posição mais angular. Esta organização é marcada sobretudo pelos traços mais profundos. No que diz respeito às linhas mais finas há, sobretudo na área mais próxima à depressão para onde converge o canal picotado e abrasionado, um riscar intenso que se demarca um pouco das unhas, graficamente mais expressivas. Há, porém, uma associação que, envolvendo neste caso tanto os riscos mais profundos, como os mais finos, se destaca de modo particular neste painel 13 e que aparece identificada no nosso quadro como situação 5 (Fig. 10, Quadro 1). Trata-se de uma configuração tipo “H”, com algumas pequenas variações. De referir ainda a intensa martelagem

7 SANTOS JÚNIOR 1963: Fig. 25. Na publicação de Santos Júnior (1963) devem ser observados os mata-borrões humedecidos com os quais moldou a superfície gravada e não somente o decalque já que neste último falta um elevado número de riscos tanto gravados a abrasão como picotados, o que conduz à visualização e, logo, à interpretação distorcida dos riscos e motivos a que dão origem.

que acompanha estes conjuntos de gravuras, podendo em alguns casos ter ocorrido já em tempos mais recentes. A área mais intensamente gravada do painel, logo a que se pode considerar como preferencial à incidência dos gestos de riscar, causar desgaste por abrasão e martelar, é precisamente, e como atrás se anunciou, a mais próxima ao sulco e particularmente ao seu término, onde se associa à pequena cavidade, receptáculo da escorrência de água. Apenas um conjunto de riscos se desloca um pouco desta área mais intensamente marcada.

Este tipo de desenhos e de gestos articulados com a água têm, em termos de manifestação contextual regional, uma expressão extremamente significativa pelo elevado número de abrigos rochosos em xisto, cuja localização topográfica, em encostas viradas para cursos de água, e frequentemente contíguos a essas mesmas linhas de água, aponta para uma clara ligação aos vales por onde escorre água e se originam nascentes) (SANCHES & TEIXEIRA 2013). Na realidade, algumas superfícies horizontais ou sub-horizontais destes sítios, gravadas com unhas, recobrem-se de água na época das chuvas, como é o caso, entre outros, do painel sobre o leito do ribeiro nas Aguçadeiras (Atenor, M. do Douro), do abrigo 5 das Fragas do Diabo (V. dos Galegos, Mogadouro), localizado também em pleno leito de cheia, ou mesmo da Fonte do Prado da Rodela (Meirinhos, Mogadouro) (SANCHES 1992), cuja nascente ainda é aproveitada como poço de rega de uma horta. A incorporação, na própria gravação, de fenómenos físicos ligados à água, é assim um elemento a reter, mas no abrigo da Foz do Tua este aspecto é iconograficamente marcado não somente pelo aproveitamento do sulco da nascente do painel 13, como pela iconografia do painel 7 onde peixes, riscos finos e unhas se delineiam metaforicamente como uma composição evocadora da corrente da água.

O painel 18 (Fig. 8, 2; Fig. 6, 1), localizado na parte superior do abrigo, [Superior-lateral], é uma superfície vertical, regular, que parece definir uma espécie de friso, visualmente destacada no conjunto do sítio. Apresenta vários conjuntos de unhas e riscos finos, organizados nas formas clássicas que temos vindo a descrever. Duas bandas de unhas verticais e paralelas ocorrem lado a lado em posição centralizada. Estas são acompanhadas de riscos mais finos que, preenchendo os espaços entre elas, se dispõem em posição e orientação que lhes é concordante. Sobre estas bandas distinguem-se dois feixes de riscos finos, numa orientação discordante daquelas e com uma pátina claramente recente. Estes riscos finos associam-se a um picotado, nalguns casos fino, resultante, igualmente, de gestos antrópicos recentes. Este picotado generaliza-se a todo o painel. Ocorrem, contudo, também alguns feixes de traços finos, aparentemente antigos (embora algumas raspagens e picotados mais recentes possam dificultar a sua leitura), dissociados dos conjuntos das unhas. Estes localizam-se sobretudo nas áreas mais periféricas do painel. O painel 18 apresenta-se como uma superfície bastante fracturada e, ao que tudo indica, não estará já completo. Com efeito, um conjunto de unhas na superfície situada à direita do observador, e que se encontra parcialmente destacada da superfície maior, aparece truncada, acusando o desprendimento de parte do bloco. Nesta superfície identificam-se vários conjuntos de unhas/riscos finos. É assim viável supor que a parte central do bloco pudesse ser maior e, aparentemente, densamente gravada.

Similar a este painel 18, mas estando também fracturados, temos os painéis 20, 22 e 24 [Unidade superior] de que não temos espaço para publicar decalque, mas que exibem curtos frisos de unhas paralelas e/ou angulares combinados, no painel 24, com riscos finos subparalelos ou em pequenos feixes, similares também às do painel 36 (Fig. 10, Quadro 1, situação 4).

Falaremos em seguida do painel 36, enquanto exemplo de painel onde ocorrem riscos lineares finos de forma dissociada de figuras de tipo unha, ou seja, onde quase nenhuns dos traços sofreram abrasão mais intensa (aquela que transforma filiformes em gravuras de tipo unha) con-

ferindo-lhes maior profundidade. É assim, na actualidade⁸, um painel visualmente muito discreto na sua iconografia e, por isso, de difícil “leitura” (Fig. 8, 1).

Localiza-se num plano adjacente ao painel 6, na sua lateral, voltada ao exterior do abrigo [Superior-lateral]. A sua superfície apresenta-se bastante alterada, com concreções resultantes de fenómenos mineralógicos ligados à meteorização, semelhantes aos identificados no painel 6. Por isso, alguns dos riscos que ocorrem no painel 36 encontram-se também já “fossilizados” por esses fenómenos.

O painel encontra-se profusamente gravado com traços lineares finos que ocorrem segundo várias direcções. Não se identificando de modo claro quaisquer figurações geométrico-abstractas clássicas, podemos dizer que os motivos são os grupos de riscos mais ou menos paralelos, os riscos organizados em feixes (mais do tipo estriado) (Fig. 10, Quadro 1, situação 4) e, no topo da área gravada, o que parece ser o início de um reticulado, este aparentemente um pouco mais recente que os anteriores. Os feixes estriados apresentam grande semelhança com os traços identificados no painel 7 e que já descrevemos anteriormente. Tipologicamente correlacionamos assim estes dois painéis, considerando então que pelo menos parte das gravuras deste painel 36 possam corresponder às fases mais antigas de uso do abrigo. A par destes feixes, grande parte dos riscos identificados nesta superfície podem também enquadrar-se nesse momento/período de gravação. O grupo de linhas paralelas mais espaçadas, que parece querer esboçar o início de um reticulado é que, não estando tão concrecionadas, aparentam ser um pouco mais recentes. Porém, tal reticulado situa-se na parte superior do painel, mais protegido dos agentes atmosféricos, o que não permite esclarecer cabalmente, pela observação, se terá havido real diacronia. No topo do painel observa-se ainda uma superfície raspada e riscos mais finos que se lhe sobrepõem, denunciando, talvez, e tão só, que se encontrarão mais bem conservados. Mais recentes, por certo, são alguns martelados soltos e grossos. Neste painel apenas dois riscos, localizados em posição marginal, são enfatizados com maior profundidade, pelo que quase não têm expressão no conjunto. Um deles, à semelhança do que descrevemos no painel 7, parece enfatizar um feixe de traços mais finos; outro ocorre isolado no canto superior esquerdo do painel.

Com a descrição, mais de tipo impressivo, destes painéis, foi nossa intenção ilustrar as diferentes situações em que os traços gravados, elementos predominantes na iconografia do abrigo da Foz do rio Tua, ocorrem e de que forma se associam entre si, ou com outro tipo de gravuras/motivos. Pretendemos mostrar, sobretudo, a forma orgânica em que muitas vezes ocorrem, no sentido de parecerem ter em si imbuída a ideia de continuidade do gesto, isto é, a abertura ao reavivamento, ao acrescento, à repetição, ainda que se mantenha um carácter formal nalgumas associações de traços, cuja recorrência terá por certo que ter um significado/ intenção definidos.

3.3. As covinhas

Tendo já tecido algumas considerações sobre a presença deste tipo de gravuras no Abrigo da Foz do rio Tua nos pontos anteriores, bem como da sua relação, nomeadamente com os outros tipos de motivos, não nos alongaremos demasiado aqui.

O painel 6, já descrito no ponto 3.2, é o único onde estes motivos assumem grande expressão. Nos restantes casos registamos apenas a ocorrência de uma ou duas covinhas. Com efeito, no painel 9, igualmente já discutido, figura junto de um grupo de unhas/riscos finos uma leve covinha. No pequeno painel 3 do considerado abrigo B (Fig. 4, 2), e que se localiza numa reentrância inconspícua quase ao nível da base desta parte do Abrigo, ocorre uma *sui generis* associação de duas covinhas a uma pequena fractura vertical da superfície que, casualidade ou não, simula

⁸ Admitimos que esta invisibilidade actual não corresponderá à situação do momento da gravação, onde a pátina mais clara dos riscos os tornaria visualmente mais expressivos, apesar do elevado número de concreções que continuamente ali se formaram. Ainda assim seriam sempre gravuras com menor impacto visual que o das unhas.

configurar uma face esquemática – que parece que olha, escondida, o observador do painel 1B, onde ocorrem os motivos esquemáticos pintados.

3.4. Os motivos esquemáticos pintados

O painel 1 da parte B do abrigo constitui o único onde se observam motivos pintados (Fig. 14).

Trata-se de uma grande parede subvertical, voltada a montante, sob uma pequena pala, cuja superfície se encontra muito erodida, pelo que parte das áreas pintadas se perderam com o lascamento e fractura de algumas zonas da rocha, não sendo deste modo possível fazer uma reconstituição do que poderá ter sido a totalidade dos motivos originalmente pintados (TEIXEIRA, VALDEZ-TULLETT & SANCHES 2016).

As figuras esquemáticas são motivos pintados com pigmentos de colorações vermelho vivo, cujas formas são muito difíceis de delinear a olho nu, quer pelo estado degradado da superfície do painel, como já referimos, que truncou parte dos motivos, quer pelo estado delido das manchas pintadas que ainda assim se preservaram. A olho nu, foi possível identificar desde logo umas formas antropomórficas alongadas, bem como uma figura subcircular e duas manchas em forma de pontos (TEIXEIRA, VALDEZ-TULLETT & SANCHES 2016). Posteriormente o registo realizado com recurso a técnicas de fotografia multiespectral⁹ permitiu uma leitura mais acurada destas figuras (Fig. 14). Foi assim possível confirmar a presença de um friso de, pelo menos, três antropomorfos esquemáticos, de braços e pernas em arco, sendo evidente, nos dois da direita, que têm membros inferiores algo arqueados e muito longos. Abaixo deste e da diáclase horizontal, um outro friso mostra manchas informes, mas onde se pode vislumbrar, do lado direito, o resto de um antropomorfo algo similar ao do friso superior. Ao centro e do lado esquerdo deste friso as manchas alongadas parecem indiciar antropomorfos de corpos em X e cabeça alongada.

Estilisticamente estamos perante um painel cujo formalismo tem excelentes paralelos regionais (e extra-regionais), tanto em abrigos e rochas com pintura e gravura esquemática, como em monumentos megalíticos, o que permite, numa primeira análise, atribuí-lo a um período mais recente do que o dos motivos gravados que temos vindo a descrever, isto é, entre o Neolítico e o Calcolítico (IV-III mil. AC) (SANCHES 2002; 2009), embora a sua semelhança com o antropomorfo da cena de caça a um cervídeo do painel central de Fraga d'Aia, S. João da Pesqueira (JORGE *et alii* 1988: Figs. 6 e 7) sugira que tal leque cronológico recuará até ao Neolítico inicial ou antigo regional (VI-V mil. AC), ou, porventura, ao Mesolítico (VIII mil. a. C.) (SANCHES 1997; MONTEIRO-RODRIGUES 2012).

3.5. Outros motivos

Os gestos de martelar e picotar, ou mesmo de riscar ou desgastar por abrasão as superfícies, bem como o reavivar de alguns motivos parece marcar, no Abrigo da Foz do Tua, a sua longa diacronia de uso até praticamente aos nossos dias.

O painel 35 e o painel 37 (Fig. 16) dão-nos conta de uma profusão de incisões lineares finas que, pelo menos em parte, não se integrarão no conjunto associado à temática das unhadas, que discutimos no ponto 3.2. Fazemos esta distinção pela articulação da análise da morfologia do traço/pátina com o tipo de motivo representado. Tratando-se de traços tão finos, e sendo a questão da pátina considerável sempre em termos relativos (pois depende não só do factor “antiguidade” como também de factores mineralógicos ou de exposição do painel aos diversos agentes ambientais), facilmente se entende que há aqui um grande número de traços e gestos de riscar que não

⁹ Trabalho realizado para a EDP S.A., por Hugo Pires e Luís Bravo Pereira, Superfície Lda., 2011, a pedido da Tutela do Património Cultural no âmbito das medidas de minimização do Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua que exigiram o registo tridimensional do abrigo, registo multiespectral e fotogramétrico dos painéis, e monitorização do afloramento no período da obra. Destaca-se o facto de o registo utilizado ainda não poder dar conta dos riscos finos mas tão somente das unhadas.

conseguimos enquadrar crono-culturalmente. No entanto, nestes painéis 35 e 37, tal como ocorre também no painel 36, já descrito, registamos umas figuras de tipo reticulado que se diferenciam das bandas de riscos e feixes associados às unhas. Este tipo de motivos são, à falta de um contexto mais específico, difíceis de enquadrar cronologicamente, dado que se podem considerar um motivo de permanência cultural alargada. No caso do painel 37, podemos ainda observar uma figura que sugere uma estrela de cinco pontas.

Em sítios do Vale do Sabor – particularmente nas placas do sítio do Castelinho (NEVES & FIGUEIREDO 2015; SANTOS *et alii* 2016), mas também na Rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (NEVES *et alii* 2012) - no Côa e Alto Douro (BAPTISTA 1999), vários motivos de tendência reticulada, realizados a traço fino e não tendo praticamente pátina (ou seja, com pátina muito diferente daquela que se associa a unhas e riscos finos que as acompanham) são enquadrados em cronologias adentro da Idade do Ferro. No caso do Tua não temos qualquer contexto associado, ou próximo, datável desta cronologia, mas não se descarta liminarmente a hipótese de pertencerem à I. do Ferro pois a arte rupestre é também, em si, um documento de povoamento tão válido como qualquer outro. Essa hipótese carece, mesmo assim, de confirmação pois a única coisa que podemos anotar neste momento é que de facto estas gravuras de Foz do Tua se distinguem do conjunto discutido em 3.2., sendo por certo resultado de acções mais recentes. O quão mais recentes não conseguimos, contudo, aferir. No painel 5 e no painel 6, este último já descrito (Fig. 15 e Fig. 9), um conjunto de alfabetiformes formando, nalguns casos, palavras e datas legíveis bem como alguns outros traços/símbolos? presentes no painel 6, atestam ainda, de forma datada, a marcação do abrigo em época contemporânea. No caso do painel 5 deve-se ainda referir que neste distinguimos duas partes, *a* e *b*. Com efeito, na parte *a*, localizada na área superior, ocorre um conjunto de unhas muito bem definidas, de perfil em *v* e associadas a traços finos. Este conjunto integra-se pois no grupo de motivos discutidos em 3.2. A superfície correspondente a esta parte *a* está fracturada, facto que algumas das unhas, por se encontrarem truncadas, atestam, percebendo-se que ocorreu o desprendimento de uma placa relativamente espessa, tendo deixado a descoberto a superfície *b* do painel. Nesta, que se distingue da superfície mais antiga até mesmo pela cor (mais acinzentada, enquanto que a parte *a* apresenta a coloração acastanhada, e com concreções, mais característica das superfícies antigas do abrigo) foram então gravados os motivos mais recentes.

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES. AS TÉCNICAS, OS MOTIVOS E OS PAINÉIS. PROPOSTA CRO-NOLÓGICA E INTERPRETATIVA. O ABRIGO DA FOZ DO RIO TUA NO SEU CONTEXTO REGIONAL.

4.1. Riscos finos e unhas: o conjunto dominante no abrigo.

Se a técnica de picotado empregue no painel animalista 31 (e eventualmente no 2 do Abrigo B) não suscita comentários particulares devido ao seu reiterado uso no vasto complexo do Côa-Alto Douro, já as unhas e riscos finos são difíceis de descrever em articulação mútua, e de conceptualizar como conjunto devido, não somente à sua aparente simplicidade, mas ainda à dificuldade de visualização. Foi Santos Júnior o primeiro a experimentar essa dificuldade quando descreveu a Pedra Escrita de Ridevides. Diz este autor que, além dos fusiformes (isto é, unhas profundas), que constituem a grande maioria dos sinais que se vêem na pedra, “Há ainda alguns sinais, pequenos e finamente riscados [o que o levou] a crer que o seu desenho haja sido feito sem demorado, nem intenso, movimento de vaivém do bem aguçado instrumento de gravador.” (SANTOS JÚNIOR 1963: 118). Refere-se aqui a riscos menos profundos, com profundidade similar em toda a sua extensão, e não a riscos finos, quase imperceptíveis, aos quais, na época, se não dava importância. Acrescenta, mais adiante que “Aqueles muitos sinais devem ter sido feitos em diferentes períodos mais ou menos afastados, e por diferentes pessoas. *No complexo daquela multiplicidade há sinais que se dispõem lado a lado ou até parecem ligados entre si por sulcos conjugantes que, no entanto, bem podem ter sido feitos em ocasiões diferentes e com significado*

à parte da figura global a que parecem conjugados”¹⁰. Assim, com uma grande clareza, vislumbra que a superfície gravada decorre de um somatório não só de motivos gravados a abrasão profunda e menos profunda ao longo do tempo, mas também dos riscos. E, sendo assim, alerta ainda para o facto de que muitos desses motivos, que agora ele “isola” (separa em diferentes grupos ou tipos), podem ser o resultado de recomposições e gravações dos traços lineares, estes já apostos à rocha ao longo do tempo. Cuidadoso, apela deste modo à crítica do leitor no confronto entre o seu desenho e os moldes que realizou a mata-borrão (SANTOS JÚNIOR 1963: 121-122) sobre os motivos que individualiza. Uma de nós sentiu esse mesmo obstáculo no estudo dos abrigos de Atenor (M. do Douro) (SANCHES 1992), mas, sendo o paradigma dos anos de 1980 e inícios de 90 centrado na figura acabada e não no gesto, nunca a relação das unhadas com riscos mais finos foi objecto de atenção particular. Santos Júnior transmite assim já a ideia de que o gesto de riscar era o que devia ser destacado e percebe ele próprio o comportamento aditivo que parece estar associado a estes sítios, não deixando, em todo o caso, de reconhecer também o carácter formal de algumas associações de unhadas.

Por sua vez, M. Varela Gomes ao estudar a arte do vale do Tejo, experimenta a mesma dificuldade de descrição e formalização pois que, além dos riscos finos reconhece fusiformes nas Rochas de S. Simão, Cachão do Algarve e Fratel (GOMES 2010: 375). Relativamente aos conjuntos de riscos finos enfatiza sobretudo o gesto de gravar, o contacto com a superfície, este aceite e reiterado certamente pela colectividade: “As séries de linhas paralelas, as raspagens e os conjuntos de traços filiformes não representam construções ou artefactos, pelo que não sugerem símbolos com significado preciso (pictogramas ou ideogramas) *devendo ser actos primários de participação iconográfica, possivelmente integrados em rituais onde os suportes detinham significado preponderante em relação às imagens*”¹¹. [...] Aquelas figuras podem traduzir o resultado de descargas de energia, reflectindo diferentes emoções ou estados de espírito, como alegria, raiva, devendo ser classificados como psicogramas.” (GOMES 2010: 478).

Sendo no vale do Sabor, na área a inundar pela albufeira da barragem de montante, que mais abrigos ou rochas com estas características se identificaram (Fig. 5), sobretudo nas áreas em torno a Santo Antão da Barca e em torno a Cilhades, a nossa atenção foi desde logo dirigida para a existência, ou não, de relação gráfica entre riscos finos e unhadas, e dos desenhos que ambos poderiam configurar, percebendo-se, de imediato a semelhança daqueles com o abrigo de Foz do Tua. Na mesma linha, autores dessa investigação (XAVIER *et alii* 2014) defendem uma relação estreita dos fusiformes (unhadas) com filiformes (riscos muito finos), quer estes conformem motivos autónomos, quer se encontrem a ladear os primeiros. Neste caso admitem que os finos possam ser ora estrias de gravação das unhadas (portanto de execução involuntária, sobretudo em superfícies mais duras), ora “plenos de intencionalidade, procurando conferir maior destaque ou significado às incisões fusiformes que as apresentassem.” (XAVIER *et alii* 2014: 93). Porém, nunca os riscos finos são objecto de enfoque particular, embora façam notar que no EP 660 (Ribeira do Pido) estes “estão relegados para sítios mais recônditos do painel, de mais difícil e “intrincada” identificação” (XAVIER *et alii* 2014: 93). Temos assim que, pelo menos no abrigo da Ribeira do Pido, e tal como no painel 7 de Foz do Tua, os riscos finos ocorrem em zonas escondidas. Além da comparação com Ridevides, e seguindo Santos Júnior, estes investigadores voltam a cotejar, com base exclusivamente no uso da técnica de abrasão profunda, as gravuras do vale do Sabor com as de Molelinhos (Tondela) e Pedra Letreira de Góis, atribuindo-as à Idade do Ferro. No primeiro caso (Molelinhos) podemos constatar que realmente a rocha acusa uma longa temporalidade de gravação (longa estratigrafia de gravação e carácter aditivo das figuras) com riscos finos e riscos a abrasão, mas que definem motivos “esquemáticos”, desde feixes de linhas finas/ramiformes, a triângulos e reticulados variados, e desenhos de armas – punhais, pontas de lança, foices – e podomorfos, sendo este ultimo

¹⁰ O itálico é nosso.

¹¹ O itálico é nosso.

grupo datável já de entre o Bronze Final e a II Idade do Ferro (CUNHA 1991; 1997). Na Pedra Letreira de Góis (BARROS, NUNES & PEREIRA 1959) delineiam-se também instrumentos (arco e flecha, flechas com pedúnculo), escutiformes e retângulos segmentados no seu interior, numa iconografia muito peculiar que nada indica poder ser atribuível somente à Idade do Ferro já que estes motivos são gravados (ou mesmo pintados) em toda a Pré-história recente. No caso do Vale do Sabor, concluem os autores, em vista destas comparações, pela pobreza iconográfica dos abrigos com fusiformes que aí se localizam. Mesmo assim (NEVES & FIGUEIREDO 2015) anotam que as “concepções mais elaboradas acabam por corresponder aos frisos de incisões que encontramos no EP 660 ou no EP 2108, isto é, sucessões de fusiformes dispostas ao longo de um mesmo eixo e com comprimentos homogêneos (como se de um ordenamento de caracteres se tratasse) ou ao geométrico segmentado no seu interior identificado no EP 215.”, e tendo, no que respeita à relação com o observador, disposição preferencialmente vertical ou diagonal, sendo em menor número as de orientação vertical¹². Porém, se estes motivos são atribuídos à Idade do Ferro, seria de discutir a ausência de unhas na arte móvel e fixa desta área, datada dessa época, como no caso da arte móvel do Castelhinho, onde se encontram realmente zoomorfos, antropomorfos, armas e motivos geométricos (SANTOS et alii 2016). O Castelhinho é o local com o qual foi estabelecida a comparação cronológica pela sua relação visual com o EP 215 (Praça) (XAVIER et alii 2014: 97). No caso de Crestelos dois afloramentos contêm unhas, mas estes painéis não se relacionam de forma inequívoca (estratigráfica) com o povoado da Idade do Ferro, podendo configurar pré-existências gráficas, e as mesmas gravuras existem também no abrigo, bem próximo, da Quinta de Crestelos (TEIXEIRA 2011) (Fig. 5). Por sua vez, nem nos painéis com zoomorfos e antropomorfos do povoado de Crestelos – que estratigraficamente estão relacionados de forma segura com a ocupação da Idade do Ferro – nem nas placas ou blocos soltos com a mesma iconografia, se registam unhas em articulação com aqueles motivos (SILVA et alii 2016)¹³. Não porque arte figurativa e não figurativa não possa coincidir nos mesmos painéis e na mesma cronologia – e são vários os exemplos de registo de ambas nas mesmas superfícies, já desde o Paleolítico superior –, mas sim porque a ausência de discussão sobre os abrigos rupestres gravados que mais marcam presença no vale do Sabor (Fig. 5) e o facto de aí terem sido alocados meios que permitiram o estudo exaustivo tanto de estações rupestres como outras, através da escavação, exigiria já um estudo articulado, de tipo espacial, cronológico, etc., que fornecesse pistas mais profícuas para as restantes regiões, ou pelo menos para aquelas localizadas na sua vizinhança.

As unhas, em suma, têm sido, à semelhança de tantos riscos que povoam a arte rupestre regional, inclusive a arte do Côa, os parentes pobres da investigação dada a dificuldade de sobre os mesmos se construírem discursos apelativos.

Na realidade, a simplicidade dos motivos do abrigo da Foz do Tua – onde somente encontramos figurações esquemáticas de peixes e algumas figuras geométricas – e, bem assim, a sua organização, não nos permite fazer comparações clássicas, ideia que já percorre a publicação da Pedra Escrita de Ridevides, como referimos. Contudo, ao invés de assumirmos os painéis como simples superfícies sobre as quais são apostos ideogramas, se entendermos estes painéis como “lugares” de interface entre o gesto humano e a rocha, tal como M. V. Gomes, é então possível desenhar diferentes hipóteses interpretativas reconhecendo, nomeadamente, uma relação dinâmica entre a superfície da rocha e as diferentes tradições culturais, que a arqueologia tradicional

12 EP 660– Ribeira do Pido; EP 2108– Ribeira de Moinhos; EP 2015– Praça: Rocha 1. XAVIER et alii 2014: 90-91.

13 Devemos ainda, em todo o caso, sublinhar que estes dois sítios, onde a ocorrência de unhas se refere a um número reduzido de riscos, não tendo a expressividade e aquela gramática (na organização dos painéis e dos traços) que tão bem reconhecemos noutros sítios (como sendo, por exemplo, na Foz do Rio Tua, no abrigo do Passadeiro, nas Fragas do Diabo, ou mesmo no abrigo da Ribeira do Pido do Vale do Sabor), só com base numa analogia marginal os podemos incluir no mesmo contexto cultural. O próprio caso da Foz do Tua, são os gestos de reavivamento, que percebemos que ocorrem numa cronologia alargada, ou mesmo gestos recentes de imitação, como por exemplo no grupo de unhas da parte b no painel 5 (Fig. 15), que nos alertam para a dificuldade e ambiguidade de inclusão num mesmo fenómeno, sítios onde os pontos de correspondência são mais reduzidos.

tem problemas em reconhecer. Falamos do que nos parece ser uma certa prevalência do gesto sobre a representação, sem que com isto se queira excluir esta última, como bem ficou patente na descrição de alguns dos painéis e no quadro de síntese onde reconhecemos a recorrência de certas associações de unhas/ incisões finas. No entanto, a ideia do inacabado, da gravura ou do painel inconcluso, ou mutável, aberto ao próximo gesto, está na raiz do problema em torno da interpretação da expressão cultural destas figuras lineares e é nisto que tentamos centrar a nossa perspectiva. A tónica parece situar-se no estar no sítio e fazer/marcar, ainda que este fazer e o (re) configurar, possa estar sujeito a regras culturalmente bem definidas e tenha por certo um significado, ou significados, intrínsecos, que não são para nós tangíveis.

Gostaríamos ainda de sublinhar que os motivos lineares, unhas e riscos finos, parecem ter em si associado um certo carácter de segregação, isto é, o caso de convivência com outros motivos (não considerando obviamente os gestos de martelagem e riscos recentes) são a excepção no contexto do abrigo, espelhando aqui também o contexto regional onde na sua grande parte estes riscos ocorrem isoladamente. Dentro deste contexto de excepção, as covinhas são os motivos que mais frequentemente partilham sítios e painéis com as figuras lineares, onde ocupam superfícies horizontais ou sub-horizontais, e nunca aquelas marcadas pela verticalidade. Além da Foz do Tua, temos os seguintes casos: Abrigo 2 de Vale de Espinheiros (Atenor, M. Douro) (SANCHES 1992), abrigos de Barroco Pardo/Fraga da Moura, Açude do Carvão e Passadeiro (Palaçoulo, M. do Douro) (BENITO DEL REY, BERNARDO & SÁNCHEZ RODRIGUEZ 2003); o Abrigo de Parada (Alfândega da Fé) (TEIXEIRA 2016), um dos abrigos das Fragas do Diabo (V. dos Galegos, Mogadouro) (inédito), o abrigo da Quinta de Crestelos (TEIXEIRA 2011) e abrigo do Porto (Tó, Mogadouro) (inédito). A relação directa destes motivos com a arte figurativa é rara, constituindo para já a única excepção o Abrigo do Passadeiro, em Palaçoulo (SANCHES & TEIXEIRA 2014) e, de certo modo, o Painel 7 do Abrigo da Foz do Tua.

Cremos ainda que é possível associar provisoriamente a Pedra Escrita de Ridevides a este grupo de abrigos que têm algumas covinhas pois ainda que falte uma análise fina das suas gravuras, o trabalho publicado leva a considerar que ali não existirão propriamente armas (alabardas ou pontas de seta, como se é levado a crer), mas triângulos com diversas configurações, associados entre si ou isolados, ângulos, riscos longos, X, Vs, lambdas, figuras axadrezadas, articuladas também com algumas covinhas (as que têm mais pátina), sem alinhamento algum pois a gravação deve ter ocorrido livremente por sobre a rocha que é sub-horizontal. Numa área restrita as figuras em unha são sobrepostas por motivos picotados tipologicamente posteriores, do Calcolítico, pois que consistem sobretudo em círculos com ou sem covinha central, registando-se ainda um antropomorfo esquemático.

A segregação das unhas parece ser extensível à pintura. Deste modo, embora em três locais se registem, em simultâneo, painéis com unhas e com pintura esquemática, está sempre o painel pintado afastado fisicamente e até topograficamente dos restantes. Assim, no abrigo 5 das Fragas do Diabo o grupo de pinturas está numa superfície tão alta e de difícil acesso que os arqueólogos que ali realizaram escavações nem dele se aperceberam (LE MOS & MARCOS 1984); pelo contrário, as unhas estão em superfícies verticais, em exíguo abrigo, ao nível do solo, de modo que se encontravam parcialmente cobertas pelos sedimentos do leito de cheia. No abrigo da Ribeira do Xedal (EP 109), no Baixo Sabor, o painel pintado, vertical, fica a uma altura considerável do solo e afastado dos que têm unhas (XAVIER et alii 2014 e observação pessoal das autoras), estes numa situação similar, em abrigo, às Fragas do Diabo (abrigo 5). Na Foz do Tua não existem painéis com unhas na parte B do abrigo, onde se localiza o único painel pintado, os mesmos que não deixam praticamente qualquer superfície livre na parte A.

Os painéis com unhas configuram assim como que um interdito a outros tipos de motivos, embora os locais em si sejam da máxima importância comunitária, em muitos casos assinalada pela longa frequência temporal que testemunham.

Temos vindo a argumentar que as unhas e riscos finos que se lhe associam, e que por vezes delineiam padrões como aqueles representados no Quadro 1 (Fig. 10), não são assim necessariamente nem da Idade do Ferro, nem do Calcolítico pois com a Pedra Letreira de Góis e com Molelinhos só partilham a técnica, como acima dissemos. Ora a cronologia não pode assentar exclusivamente na técnica mas antes na cadeia operatória e nos motivos que daí decorrem, somando-se ainda outros pormenores relevantes à escala regional, como sejam a disposição e exposição dos painéis e, por ex., a relação espacial destes com outros painéis de cronologias tanto similares como diferentes. A abordagem demasiado focada na técnica, parece-nos, tem vindo pois a ser a que, já desde os finais da década de 1950, com as reflexões e interpretações de Barros, Nunes e Pereira (1959) e de Santos Júnior¹⁴, mais contribuiu para a dificuldade de interpretação crono-cultural destes lugares, uma vez que tanto estes autores como outros que se lhe seguiram, tenderam a fazer corresponder sítios que, agora numa outra escala de análise, nos parecem contextualmente muito distintos.

4.2. A longa diacronia de gravação do abrigo de Foz do Tua e a presença continuada de populações nesta região desde o início do Paleolítico superior ao Neolítico

No Abrigo da Foz do Tua torna-se evidente, tal como referimos em publicações anteriores (SANCHES & TEIXEIRA 2014; TEIXEIRA, VALDEZ-TULLETT & SANCHES 2016), que a transformação daquele rochedo em lugar com significado social e genealógico ocorre no período pré-magdalenense, como o comprovam, através do estilo, e da configuração “animada” (por ter cabeça “múltipla”) o veado e o veado-cavalo-auroque do painel 31. São as 4 figuras deste painel similares àquelas que foram datados no Vale do Côa (SANTOS 2012; SANTOS, SANCHES & TEIXEIRA 2015). Deste modo, é com este último conjunto que as comparações têm sentido, sendo aqui que se registam pelo menos 60 casos de animais com dupla cabeça pertencendo a uma só espécie (LUÍS, 2012) e, ainda que em número mais reduzido, também aparecem animais transformados noutros de espécie diferente, como são os casos, por ex. do cavalo-auroque da placa nº 1 do Fariseu, em arte móvel (AUBRY & SAMPAIO 2008), e, na arte rupestre, a cabra-veado da Rocha 1 da Canada do Inferno (BAPTISTA, SANTOS & CORREIA 2008). É de destacar que à frente deste animal (veado-cavalo-auroque) existem complementarmente, tal como no Côa, desenhos abstractos – formados por riscos incisivos, lineares, curtos – característicos do Paleolítico superior, apelidados frequentemente de ideomorfos, ou, mais recentemente de “chaves”, mas que por apresentarem uma imensa variedade regional, foram formalizados e organizados já por vários autores em forma de quadros¹⁵. Percorrem todos os períodos e estilos da arte paleolítica.

A cronologia do período pré-magdalenense no Alto-Douro/Côa pôde ser estabelecida em termos de calendário por datas absolutas que serão anteriores a c. de 20 000 BP (datação da camada [8] do Fariseu (AUBRY, SANTOS & LUÍS 2014), mas que podem remontar até cerca de 30 000 BP, dado que é esta a cronologia absoluta dos picos com evidentes vestígios de uso na gravação, recolhidos na camada [3] de Olga Grande (AUBRY & SAMPAIO 2009), como anteriormente se indicou.

Tal como consideramos que o abrigo de Foz do Tua, os sítios do vale do Sabor (alto e baixo Sabor), e bem assim os do vale do Douro, podem ser entendidos como prolongamentos territoriais dos conjuntos de arte pré-magdalenense que se desenvolvem em torno do rio Côa e do rio Ágüe-

¹⁴ Com efeito, e como já referimos, Santos Júnior (1963) identifica precocemente, e de forma notável, algumas das particularidades que hoje enfatizamos com traços principais do conjunto regional de unhas/riscos finos, fazendo uma leitura contextual muito cuidada da Pedra Escrita de Ridevides. É no entanto, precisamente, quando tenta buscar paralelos, com base na forma e na técnica que o seu discurso se torna errático. Problema que, em todo o caso, ele próprio identifica. Assim, inicialmente, Santos Júnior defende contextualmente uma cronologia mais antiga para as gravuras de tipo unha na Pedra Escrita de Ridevides (com base na sobreposição a estas dos motivos picotados). Contudo, quando posteriormente aproxima, com base na forma e na técnica, este sítio à Pedra Letreira de Góis e ainda ao petróglifo de Puerto del Gamo, onde são identificadas armas, já considera uma cronologia adentro da Idade do Bronze.

¹⁵ Ver quadros em: SANCHIDRIÁN 2001.

da (Siega Verde) – e que são manifestamente mais extensos e imponentes que os restantes –, também no período que se situa globalmente entre o Tardiglacial e o Mesolítico, assim nos parece ter acontecido, ainda que a expressão do conjunto Côa-Siega Verde em relação aos outros lugares possa ter conhecido alterações neste último período que só estudos futuros e mais aprofundados poderão revelar.

Com efeito, o painel 7 – com os seus peixes (de espécie indeterminada) de corpo alongado, articulados com esquemas/feixes de riscos finos e ainda com unhas –, encontra os seus paralelos mais próximos nos vales do Côa/Sabor e Siega Verde. A título de exemplo, temos no Côa as rochas com peixes de 16 do Vale de José Esteves, 14 da Canada do Inferno e 10 da Penascosa¹⁶ e, em Siega Verde, o painel 48 (BUENO, BALBIN & ALCOLEA 2009). No Sabor, embora não ocorram peixes, o pequeno capríneo da Pedra d'Asma 7, também localizado num local escondido e onde só a custo pode ser observado por 2 pessoas em simultâneo, é colocado no mesmo período (FIGUEIREDO et alii 2014: 196).

Não é possível atribuir uma cronologia precisa a estes motivos, mas a sua formalização e inclusão no Estilo V do vale do Douro, estruturada por P. Bueno, R. Balbin e Alcolea (2009), com o qual de resto é também comparada a arte da fase III do Côa (SANTOS 2012), parece-nos acertada e, assim sendo, também em Foz do Tua tanto o painel 7 como o painel 36 se inscrevem no mesmo formalismo representativo e /ou abstracto, marcado, no que às figuras zoomorfas diz respeito, por corpos alongados ou fusiformes, estriados e de pequeníssimo tamanho (15-20 cm aprox.). Acrescentadamente, no painel 7 representam-se peixes, um motivo considerado recorrente por aqueles autores nos tempos de transição entre o período glacial e pós-glacial. De referir ainda os feixes e reticulados, sobretudo no painel 36, e agora tão frequentes tanto na arte móvel como parietal deste período que, ainda que alargado, se inscreve pelas datas absolutas disponibilizadas entre aproximadamente o XI/X e o VIII milénio cal. AC (BUENO, BALBIN & ALCOLEA 2009).

Deste modo, e ainda que não haja localmente, e de modo comprovado, outros vestígios arqueológicos, além da arte gravada, relativos ao longo período que decorre entre o pré-magdalenense e os finais do Paleolítico superior, o abrigo da Foz do Tua inclui-se certamente, e de novo, na rede de circulação dos caçadores-recolectores que regionalmente estabelecem a continuidade de povoamento entre o final do glacial e o início do pós-glacial. Aliás, é esse um dos argumentos fundamentais de P. Bueno, R. Balbin e Alcolea (2009), para a criação do estilo V do Vale do Douro. Isto é, ao invés de se considerar que haveria entre o final do Paleolítico superior e o Mesolítico uma ruptura acentuada na arte (ou mesmo o seu desaparecimento), verificar-se-ia antes uma transformação paulatina nos modos de representar por parte de populações que, permanecendo nas mesmas regiões, teriam transformado de modo lento, e em consonância com os novos ecossistemas, tanto os modos de vida, como os modos de pensar e de organizarem social e ideologicamente.

Neste contexto parecem situar-se igualmente os sítios do Vale do Sabor, como sendo o Abrigo de Parada (EP221) (TEIXEIRA 2016), as rochas do Cabeço do Aguilhão (BAPTISTA 2004) e de Santo Antão da Barca (FIGUEIREDO 2013: 76), bem como o Abrigo do Passadeiro (SANCHES & TEIXEIRA 2014; no prelo). Com efeito, no Abrigo de Parada identificámos, no painel 5, feixes de linhas finas que evocam os grafismos igualmente identificados na Foz do Tua e que foram enquadrados igualmente na Fase III (Magdalenense final) de gravação do Vale do Côa (TEIXEIRA 2016). Para as figuras zoomórficas, que neste abrigo também ocorrem, foi proposta, em termos gerais, uma cronologia Epipaleolítica, relacionando-as ainda com os motivos do Cabeço do Aguilhão e de Santo Antão da Barca (TEIXEIRA 2016), bem como, posteriormente, com o veado sub-naturalista do Abrigo do Passadeiro (SANCHES & TEIXEIRA 2014; no prelo). De notar também, aproximando ainda

¹⁶ BAPTISTA 2009; SANTOS 2012. Havendo, naturalmente, de considerar as placas móveis da camada [3] do Fariseu (AUBRY 2009), que permitiram a datação absoluta dos motivos com esta configuração no Côa.

mais o contexto do Abrigo de Parada ao da Foz do Tua e do Passadeiro, a presença, ainda que em número muito pouco expressivo, de algumas unhas gravadas no painel do solo (TEIXEIRA 2016).

Relativamente à cronologia das unhas e riscos finos que as acompanham, e dado que estas se relacionam tanto com riscos finos no painel 7, como com o veado de corpo segmentado anteriormente no abrigo do Passadeiro (SANCHES & TEIXEIRA 2014; no prelo), cremos que deverão ter tido particular expressão adentro deste mesmo período, constituindo-se, deste modo, como uma manifestação gráfica muito regionalizada – a região do Nordeste português – e ideograficamente muito peculiar pois que, fora desta somente conhecemos, com as mesmas características e embora em afloramento horizontal, a Pedra das Letras (Proença-a-Nova) (HENRIQUES & CANINAS 2009).

Na realidade, e como argumentamos em trabalhos anteriores, já M. V. Gomes (GOMES 2002) reconheceu antes de nós, que as unhas em superfícies fixas poderiam ter uma remota tradição enraizada no início do Paleolítico superior. A apoiar esta ideia estiveram as datas relativas, pela estratigrafia, e também as datas absolutas no Norte da Península Ibérica (sítios de El Conde e La Viña) (FORTEA-PEREZ 2000-2001). Sendo possível que possam, pelo menos na sua génese, ter uma cronologia similar na região que nos ocupa, não temos por ora argumentos sólidos, de índole estratigráfica, que aqui o comprovem pois as escavações realizadas em abrigos do vale do Sabor (XAVIER *et alii* 2014) e no abrigo 5 das Fragas do Diabo (LEMOS & MARCOS 1984) não revelaram as estratigrafias originais desses abrigos, mas acumulações sedimentares posteriores.

Como material “reaproveitado”, encontram-se blocos gravados com unhas numa das sepulturas da necrópole medieval do Laranjal (Felgar-Torre de Moncorvo), e ainda na parede de uma das estruturas do Sítio de Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa) (VALE 2012), atestando, sobretudo neste último caso, que tais gravuras, sendo anteriores ao III mil. AC, suscitaram ainda interesse particular pois que, tendo sido transportadas desde longa distância, a motivação seria necessariamente forte, portanto imbuída de crenças ou tradições comunitárias ligadas ao território de proveniência.

Os antropomorfos esquemáticos do painel do abrigo 2 do Abrigo B se numa primeira análise tipológica se podem integrar no Calcolítico regional pela sua similitude com aqueles dos monumentos megalíticos, como foi referido atrás, também admitem cronologias mais antigas já que se trata de configurações de longa tradição. Assim, não seria descabido olhar estas formas de membros inferiores longos e arqueados como similares ao antropomorfo de Faia 3 (BAPTISTA 1999: Fig. 158), que é incluído por P. Bueno, Balbín e Alcolea (2009) no já supracitado Estilo V; ou mesmo o antropomorfo que aparenta caçar um veado no paredão da Fraga d'Aia (JORGE *et alii* 1988), cujas escavações revelaram uma ocupação do Neolítico antigo regional, ou Neolítico inicial regional, situado entre o VI e o V mil. AC (SANCHES 1997).

Deste modo a possibilidade de ter existido no abrigo de Foz do Tua uma continuidade de frequentação, sem grandes hiatos, entre o Tardiglacial e o Neolítico antigo deve ser considerada na investigação futura, embora por ora pareça ser mais consistente a interpretação que liga tal painel ao megalitismo regional, datado do IV mil. AC, que também terá a sua tradução no povoamento e na arte de ar livre, como se verifica no abrigo 2 da serra de Passos (SANCHES, MORAIS & TEIXEIRA 2016).

Porém, as tradições permanecem por vezes durante muito tempo e no que à cronologia da arte esquemática diz respeito não temos ainda um quadro de pormenor que relacione tradições tipológicas com cronologias finas, ou com “funções”, podendo o painel pintado ter sido realizado já durante o III mil. AC, dadas as semelhanças formais com outros antropomorfos da Serra de Passos (SANCHES, MORAIS & TEIXEIRA 2016).

4.3. Em síntese. Contributos do abrigo da Foz do Tua para o estudo da Pré-história do NW peninsular

Na longa duração da gravação e pintura do abrigo da Foz do Tua e, bem assim, do povoamento da área do médio Tua-Alto Douro, este abrigo reveste-se de uma importância fulcral a várias escalas de análise e segundo diversas perspectivas interpretativas, algumas das quais foram expostas e desenvolvidas no texto precedente, mas que sintetizaremos aqui conferindo aos problemas uma dimensão geográfica extensível ao NW peninsular. Este inclui necessariamente a parte ocidental da Meseta pois do ponto de vista geoclimático e histórico várias são as transculturalidades reveladas no povoamento desta alargada região desde pelo menos o Paleolítico superior.

Assim, no que à tradição rupestre diz respeito, o estudo em torno deste abrigo tem revelado que:

- (i) o lugar em si foi desde cedo — período pré-magdalenense — transformado num sítio genealógico de referência comunitária entre os caçadores-recolectores do início do Paleolítico superior e essa referência nunca se deve ter perdido nos períodos subsequentes;
- (ii) que a embocadura do rio Tua, na sua confluência com o Douro, materializa uma via de circulação dessas comunidades, as quais, tendo subido nesse período mais antigo o vale do rio Sabor até às vizinhanças de Bragança (Fig. 1), por certo ocuparam também as áreas a montante do Tua, o que constitui um indicador de futuras prospecções nesta região, a direccionar para a ocupação efectiva neste período;
- (iii) que os painéis atribuídos ao período situado entre o Tardiglacial e os inícios do Holocénico indicam, do mesmo modo, a continuidade de uma tradição de ocupação de territórios cujos eixos se centram no vale do Douro e nos vales dos rios que para este confluem, isto é, nas bacias primárias e secundárias dos rios Sabor e Tua, a norte, e dos rios Águeda, Côa e Távora, a sul;
- (iv) que estes caçadores-recolectores têm uma implantação mais alargada no NW peninsular, como é atestado pelas gravuras da Cova Eirós, na Galiza (LOMBERA HERMIDA & FÁ-BREGAS VALCARCE 2013; STEELMAN et alii 2017), e por outros locais conhecidos pela escavação arqueológica;
- (v) que as gravuras conhecidas como fusiformes ou litotrípticas, e que denominamos de abra-são em unhada do diabo, e cuja tradição se manifesta desde o início do Paleolítico superior (Aurignacense) na Cantábria, poderão ser no Leste Transmontano tão antigas como aquelas, embora se afigure mais provável, no estado actual dos nossos conhecimentos, que pertençam a um período localizado cronologicamente entre o magdalenense final/Aziliense e o Epipaleolítico, sendo os painéis 7 do abrigo da Foz do Tua e o painel 1 do Passadeiro (SANCHES & TEIXEIRA 2014; 2017, no prelo) aqueles onde se verifica a sua articulação com representações sub-naturalistas e semi-esquemáticas de zoomorfos (peixe e cervídeo) atribuíveis a esta cronologia;
- (vi) que carece assim de análise fina e de discussão fundamentada a atribuição destes abrigos e superfícies rochosas ao Calcolítico e à Idade do Ferro, sugerida por alguns investigadores, pois quer a sua organização gráfica, quer a disposição espacial dos painéis mostram, no geral, dissociação quer com painéis com pinturas atribuídas ao Neolítico-Calcolítico, quer à Idade do Ferro;
- (vii) que, de igual modo, as escavações desenvolvidas nestes abrigos não tendo revelado sedimentos estratigraficamente não perturbados e raros materiais cuja origem parece provir de escorrimientos de outros locais — de longa distância no caso do leito de cheia do abrigo 5 de Fragas do Diabo onde existia, mesmo assim, um fragmento gravado —, evidenciam que, ou os sedimentos originais foram lavados pela erosão milenar, ou que as actividades desenvolvidas no contexto da ocupação gráfica não criaram outros vestígios

- duráveis além dos gestos fossilizados de ir riscando as superfícies, isto é, gravura onde se teria dado primazia ao gesto de contacto com a rocha;
- (viii) que a criação de um painel com pintura de antropomorfos esquemáticos de pernas longas, arqueadas, no abrigo da Foz do Tua pode remeter também para ocupações da primeira metade do Holocénico (Neolítico antigo regional) vista a sua semelhança gráfica com o painel central de Fraga d'Aia (no próximo vale do Távora, e datado pelo radiocarbono), ou do painel do abrigo 3 da Faia, no já mais distante alto Vale do Côa, e a sua semelhança com as pinturas dos abrigos calcolíticos que lhe estão bem próximos: Cachão da Rapa e Pala Pinta, estes atribuídos ao Neolítico final-Calcolítico;
- (ix) que embora as tradições gráficas acusem longas pervências temporais, sendo assim difíceis de avaliar cronologicamente (por ausência ou impossibilidade de escavações), os vestígios datados em estratigrafias seguras, como são aqueles que dizem respeito tanto ao Mesolítico e Neolítico antigo desta região do Alto-Douro (onde incluímos a bacia do Tua), manifestam, no Prazo (MONTEIRO-RODRIGUES 2011), na Torrinha (CARVALHO 1999) e no abrigo do Buraco da Pala (SANCHES 1997), a continuidade de povoamento durante o Tardiglaciário/azilense e Mesolítico-Neolítico (X/IX-VI/V mil. AC).
- (x) que dada a proximidade espacial do abrigo da Foz do Tua aos povoados calcolíticos de Pedreira e Regadas (S. Mamede de Ribatua, Alijó), não seja de excluir liminarmente a frequência e acções no abrigo por parte daquelas populações, havendo assim que desenvolver investigação regional no sentido de melhor entender o papel do abrigo no contexto do povoamento do III milénio AC, o qual se manifesta na sua forma pictórica na Serra de Passos e sua envolvente;
- (xi) por fim, e na sequência do ponto anterior, deve ser referida a profunda alteração gráfica que se manifesta na repetitiva arte rupestre gravada do imediato Planalto de Carrazeda de Ansiães (SANTOS 2016), realizada sobre granitos, e com características formais que permitem atribuí-la ao III mil. AC.

Nota final: Os decalques aqui apresentados resultaram dos trabalhos de levantamento realizados por Joana Castro Teixeira, Joana Valdez-Tullett, Maria de Jesus Sanches, Alexandre Lima e Vasco Pinto, com posteriores revisões de Maria de Jesus Sanches e Joana Castro Teixeira. Gostaríamos ainda de agradecer a André Tomás Santos a colaboração na interpretação de alguns dos painéis e a Rafael Morais pela elaboração do Mapa das Figs. 1 e 5.

BIBLIOGRAFIA

- AUBRY, Thierry (2009), Actualisation des données sur les vestiges d'art paléolithique sur support mobilier de la Vallée du Côa, in AUBRY, Thierry (dir. de), *200 séculos da História do vale do Côa: incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Trabalhos de Arqueologia, 52, Lisboa, IGESPAR, pp. 382-395
- AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge David (2008). Fariseu: cronologia e interpretação funcional do sítio, in SANTOS, André Tomás (Dir.de) *Pré-história – gestos intemporais. [Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior]*. Vila Nova de Foz Côa: Freixo de Numão, pp. 7-30
- AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge David (2009), Chronologie et contexte archéologique des gravures paléolithiques de plein air de la Vallée du Côa (Portugal), in BALBÍN BEHRMANN, R. (dir. de.), *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León/Consejería de Cultura y Turismo, pp. 211-223

- AUBRY, Thierry, SANTOS, André Tomás & LUÍS, Luis (2014), Stratigraphies du panneau 1 de Fari-seu: analyse structurelle d'un sys- tème graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal), *Actes du colloque Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique. Paleo, numéro special*, Paris, MADAPCA, 16-18 novembre 2011, pp. 259-270
- BAPTISTA, António Martinho (1999), *No Tempo sem Tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa, com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*, Vila Nova de Foz Côa, Parque Arqueológico do Vale do Côa
- BAPTISTA, António Martinho (2004), A Arte paleolítica no rio Sabor, *Tribuna da Natureza*, 5, pp. 5
- BAPTISTA, António Martinho (2009), *O paradigma perdido: O Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*, Porto/Vila Nova de Foz Côa, Edições Afrontamento, Parque Arqueológico do Vale do Côa
- BAPTISTA, António Martinho, SANTOS, André Tomás & CORREIA, Dalila (2008), Estruturação simbólica da arte Gravetto-Solutrense em torno do monte do Fariseu (Vale do Côa), in SANTOS, André Tomás (Dir.de) *Pré-história — gestos intemporais. [Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior]*. Vila Nova de Foz Côa: Freixo de Numão, pp. 38-61
- BARROS, A. Melão, NUNES, João de Castro, PEREIRA, A. Nunes (1959), *A Pedra Letreira, Memórias arqueológicas do concelho de Góis*, Camara Municipal de Góis
- BENITO DEL REY, L., BERNARDO, H. A., & SÁNCHEZ RODRIGUEZ, M. (2003), Santuário do “Abrigo do Passadeiro” em Palaçoulo, in BENITO DEL REY, L., BERNARDO, H. A., & SÁNCHEZ RODRIGUEZ, M. (Dir.de), *Santuários Rupestres Pré-históricos em Miranda do Douro (Portugal) e no seu entorno de Zamora e Salamanca (Espanha)*, Miranda do Douro, Câmara Municipal de Miranda do Douro, pp. 491-520
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de & ALCOLEA GONZÁLEZ (2009), José J., Estilo V en el ámbito del Duero: Cazadores finiglaciares en Siega Verde (Salamanca), *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*, Actas. PAHIS, Junta de Castilla y León, pp. 259-286
- CANINAS, João C. et alii (2008), Relatório sobre o Descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico do Estudo de Impacte Ambiental do AHFT, Elaborado por EMERITA Lda para Profico Ambiente, Lda
- CARVALHO, António Faustino (1999), Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico antigo do Baixo Côa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.2, número 1, pp. 39-70
- CUNHA, Ana Leite da (1991), Estação de arte rupestre de Molelinhos. Notícia preliminar, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1990)*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 253-265
- CUNHA, Ana Leite da (1997), A estação de arte rupestre de Molelinhos, Catálogo da Exposição *Aspectos da Pré-história da Beira Interior* (coord. R. Vilaça), Tondela, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta
- FIGUEIREDO, Sofia (2013), *A arte esquemática do Nordeste Transmontano: contextos e linguagens*. Diss. de Doutoramento, Braga, Universidade do Minho (ed. policopiada)
- FIGUEIREDO, Sofia; XAVIER, Pedro; SILVA, Andrea; Neves, Dário & DOMINGUEZ-GARCIA, I. (2014), The holocene transition and post-palaeolithic rock art from the Sabor valley (Trás-os-Montes, Portugal), in M. A. MEDINA-ALCAIDE, A. J. ALONSO, R. M. MÁRQUEZ, & J. L. TORTI (Dir.de), *Sobre Rocas y huesos: las sociedades pre-históricas y sus manifestaciones plásticas*, Nerja, Museo de Nerja, pp. 193-203

- FORTEA PÉREZ, F. J. (2000-2001), Los comienzos del Arte Paleolítico en Asturias: aportaciones desde una arqueología contextual no posestilítica, *Zephyrus*, 53-54, pp. 177-216
- GOMES, Mário Varela (2002), Arte Rupestre em Portugal - perspectiva sobre o último século, *Arqueologia e História*, 54, pp. 139-194
- GOMES, Mário Varela (2010), *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural Pré e Proto-histórico*. Diss. de Doutoramento. Lisboa: FCHS-UN Lisboa
- HENRIQUES, F. & CANINAS, J. C. (2009), Pedra das Letras: uma rocha com grafismos lineares (Proença-a-Nova), *Açafa*, pp. 1-18
- JORGE, Vítor Oliveira; BAPTISTA, António Martinho; JORGE, Susana Oliveira; SANCHES, Maria de Jesus, SILVA, Eduardo Jorge; SILVA, Margarida Santos; CUNHA, Ana Leite da (1988), O abrigo com pinturas da Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) - Notícia preliminar, *Arqueologia*, 18, Porto, GEAP, pp. 109-130
- LEMONS, Francisco S., & MARCOS, D. S. (1984), As gravuras rupestres das Fragas do Diabo – Mogadouro, *Cadernos de Arqueologia*, 1, Braga, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 137-141
- LOMBERA HERMIDA, A. & FABREGAS VALCARCE, R. (Dir. de) (2013), *Cova Eirós. Primeiras evidências de arte rupestre Paleolítico en el Noroeste Peninsular*, Santiago de Compostela, Andavira editora, SL
- LUIS, Luis (2012), Desenhos animados! Uma gramática do movimento para a arte paleolítica do Vale do Côa, *Trabalhos de Arqueologia*, 54, Lisboa, DGPC. pp. 69-80
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2011), Pensar o Neolítico Antigo, *Estudo Pré-Históricos*, 16, Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta
- MONTEIRO-RODRIGUES, Sérgio (2012), Novas datações pelo Carvão 14 para as ocupações holocénicas do Prazo (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa, Norte de Portugal), *Estudos do Quaternário*, 8, Porto, APEQ, pp. 22-37
- NEVES, Dário; DIAS, Rodrigo; COELHO, Sílvia; XAVIER, Pedro; MORAIS, Renata; CARVALHO, L., et al. (2012), A rocha 1 da Quinta do Feiticeiro (Cardanha, Torre de Moncorvo): contribuições para o estudo do imaginário guerreiro e cinegético da Idade do Ferro, *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica-JIA*. 16, Faro:, Promontoria Monografica, pp. 203-208
- NEVES, Dário & FIGUEIREDO, Sofia (2015), Quinhentas placas gravadas da Idade do Ferro do sítio fortificado do Castelhinho (Nordeste Portugal): temas figurados e padrões de distribuição, *Arkaeos*, 37 [XIX International RockArt Conference-IFRAO], pp. 1589-1605
- REIS, Mário (2014), 'Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (Conclusão), *Portvgalia*, Nova Série, vol.35, Porto, DCTP-FLUP, pp. 17-59
- SANCHES, Maria de Jesus (1992), Pré-história Recente no Planalto Mirandês, *Monografias Arqueológicas* (Vol. 3), Porto, GEAP
- SANCHES, Maria de Jesus (1996), Ocupação Pré-histórica do Nordeste de Portugal, *Monografias e Estudos*, Zamora, Fundação Rei Afonso Henriques
- SANCHES, Maria de Jesus (1997), Pré-história recente de Trás-Os-Montes e Alto Douro (O abrigo do Buraco da Pala no contexto regional), 2 vol., Textos, 1, Porto, SPAE
- SANCHES, Maria de Jesus (2002), Spaces for social representation, choreographic spaces and paths in the Serra de Passos and surrounding lowlands (Trás-os-Montes, northern Portugal) in late prehistory, *ARKEOS*, 12, CEIPAR, pp. 65-105
- SANCHES, Maria de Jesus (2009), Arte dos dólmenes do Noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica, *Portvgalia*, Nova Série, vol. 29-30, Porto, FLUP, pp. 5-42
- SANCHES, Maria de Jesus & TEIXEIRA, Joana Castro (2013), An Interpretative approach to “devil claw” carvings: the case of River Tua Mouth Rock shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Por-

- tugal), in ANATI E. (dir.de), *XXV Valcamonica Symposium: Art as a source of History, 20-26 de Setembro*, Capi di Ponte, Itália, Centro Camuno di Studi Preistorici, pp. 59-68
- SANCHES, Maria de Jesus & TEIXEIRA, Joana Castro (2014), O Abrigo do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda do Douro). Um caso de estudo de gravuras rupestres dos inícios do Holocénico no Nordeste de Portugal, *Portvgalia*, Nova Série, vol. 35, Porto, FLUP, pp. 61-75
- SANCHES, Maria de Jesus; MORAIS, Pedro Rafael & TEIXEIRA, Joana Castro (2016), Escarpas rochosas e pinturas na Serra de Passos/Sta. Comba (Nordeste de Portugal), in SANCHES, Maria de Jesus & CRUZ, Domingos J. (Dir. De), *Atas da Ila Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história à Proto-história*, Porto, Nov. de 2011, Estudos Pré-históricos, 18, Viseu, CEPBA, pp. 71-117
- SANCHES, Maria de Jesus & TEIXEIRA, Joana Castro (no prelo, aceite), Abstract and subnaturalistic prehistoric rock art in the Trás-os-Montes and Alto Douro region of Portugal: the case study of Passadeiro rockshelter – Palaçoulo (Miranda do Douro), in BETTENCOURT, Ana M.S. (dir. de), *Recorded places, experienced places. The holocene rock art of the Iberian atlantic margin*. (Vols. British Archaeological Series [in press, accepted]). Oxford: Archeopress
- SANCHIDRIÁN, J. L. (2001), *Manual de Arte Prehistórico*. Ariel Prehistoria
- SANTOS, André Tomás (2012), Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito de uma persistente dicotomia concetual, in SANCHES, Maria de Jesus (Dir.de), *Iª Mesa Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*, Trabalhos de Arqueologia, 54, Lisboa, DGPC, pp. 39-67
- SANTOS, André Tomás (2015), A arte paleolítica do Vale do Côa: breve síntese, In LEE, S., BAPTISTA, A. M. & FERNANDES, A. B. (Dir.de), *Arte rupestre do Vale do Côa*, Ulsan: Ulsan Petroglyph Museum, pp. 80-89
- SANTOS, André Tomás, SANCHES, Maria de Jesus & TEIXEIRA, Joana Castro (2015), The Upper Palaeolithic rock art of Portugal in its Iberian contexto, in BUENO RAMÍREZ, Primitiva (Dir. de), *Prehistoric art as Prehistoric Culture*, Oxford: Archaeopress Archaeology, pp. 123-133
- SANTOS, Filipe João C.; PINHEIRO, Eulália, ROCHA, Fábio, SASTRE, Jose (2016), O sítio e a Laje 1 do Castelhinho (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo). Contributos para o conhecimento da II Idade do Ferro em Trás-os-Montes oriental, in SANCHES, Maria de Jesus & CRUZ, Domingos J. (Dir. De), *Atas da Ila Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história à Proto-história*, Porto, Nov. de 2011, Estudos Pré-históricos, 18, Viseu, CEPBA, pp. 203-217
- SANTOS, João C. (2016), *Arte Rupestre do concelho de Carrazeda de Ansiães. Contributos para o seu estudo*, Porto, Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Letras da UP, polycopiado
- SANTOS JÚNIOR, J. (1963), As gravuras litotrípticas de Ridevides (Vilariça). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XIX-2, Porto, SPAE, pp. 111-144
- SILVA, Andrea; FIGUEIREDO, Sofia; MACIEL, José & LARRAZABAL, Javier (2016), Uma primeira abordagem às placas móveis proto-históricas de Crestelos. Comunicação apresentada nas VI Jornadas de Arqueologia do vale do Douro, Porto, 17-19 Novembro, 2016
- STEELMAN, Karen L.; LOMBERA-HERMIDA, Arturo de; VIÑAS-VALLVERDÚ, Ramón; RODRÍGUEZ-ÁLVAREZ, Xosé Pedro; CARRERA-RAMÍREZ, Fernando; RUBIO-MORA, Albert; FÁBREGAS-VALCARCE, Ramon (2017), “Cova Eirós: An Integrated Approach to Dating the Earliest Known Cave Art in NW Iberia”, *Radiocarbon*, vol. 59 (1), pp. 151-164
- TEIXEIRA, Joana Castro (2011), Relatório Final do levantamento de arte rupestre do Abrigo Natural com Arte Rupestre, EP190, Quinta de Crestelos, Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor. Plano de Salvaguarda do Património
- TEIXEIRA, Joana Castro (2016), O abrigo de Parada, um sítio de arte rupestre do vale do Sabor (Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes), in SANCHES, Maria de Jesus & CRUZ, Domingos

- J. (Dir. De), *Atas da Ila Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história à Proto-história*, Porto, Nov. de 2011, Estudos Pré-históricos, 18, Viseu, CEPBA, pp. 41-70
- TEIXEIRA, Joana Castro; VALDEZ-TULLETT, Joana; & SANCHES, Maria de Jesus (2016), O abrigo da Foz do Rio Tua – Alijó (Trás- -os-Montes, Portugal). Identificação e estudo preliminar, in SANCHES, Maria de Jesus & CRUZ, Domingos J. (Dir. De), *Atas da Ila Mesa Redonda Artes Rupestres da Pré-história à Proto-história*, Porto, Nov. de 2011, Estudos Pré-históricos, 18, Viseu, CEPBA, pp. 131-140
- VALDEZ, Joana; TEIXEIRA, Joana Castro; LIMA, Alexandre (2011), Relatório Final de Levantamento de Arte Rupestre do Abrigo no Vale do Tua, Medida 15 da DIA do Aproveitamento Hidroelétrico de Foz Tua., Relatório Técnico, 3 volumes, elaborado por EMERITA Lda para Profico Ambiente, Lda.
- VALDEZ-TULLETT, Joana (2013), O Abrigo rupestre de Foz Tua - A ampla diacronia de um espaço significativo, *Actas das I Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero*, Zamora , pp. 355-366
- VALE, Ana Margarida do (2012), *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma colina monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*, Diss. de Doutoramento, Porto, FLUP (policopiado)
- XAVIER, Pedro, ARACELI, C., MACIEL J. & FIGUEIREDO, Sofia (2014), Do ver ao compreender as gravuras “fusiformes” do Vale do Sabor, in HONARDO CASTRO, J.; BREZMES ECRIBANO. M.A.; TEJEIRO PIZARRO, A. & RODRIGUEZ MONTERRUBIO, O. (Dir.de), *I Jornadas de Jóvenes Investigadores del Valle del Duero: Del Neolítico a la Antigüedad Tardía*, Glyphos Publicaciones, pp. 87-98

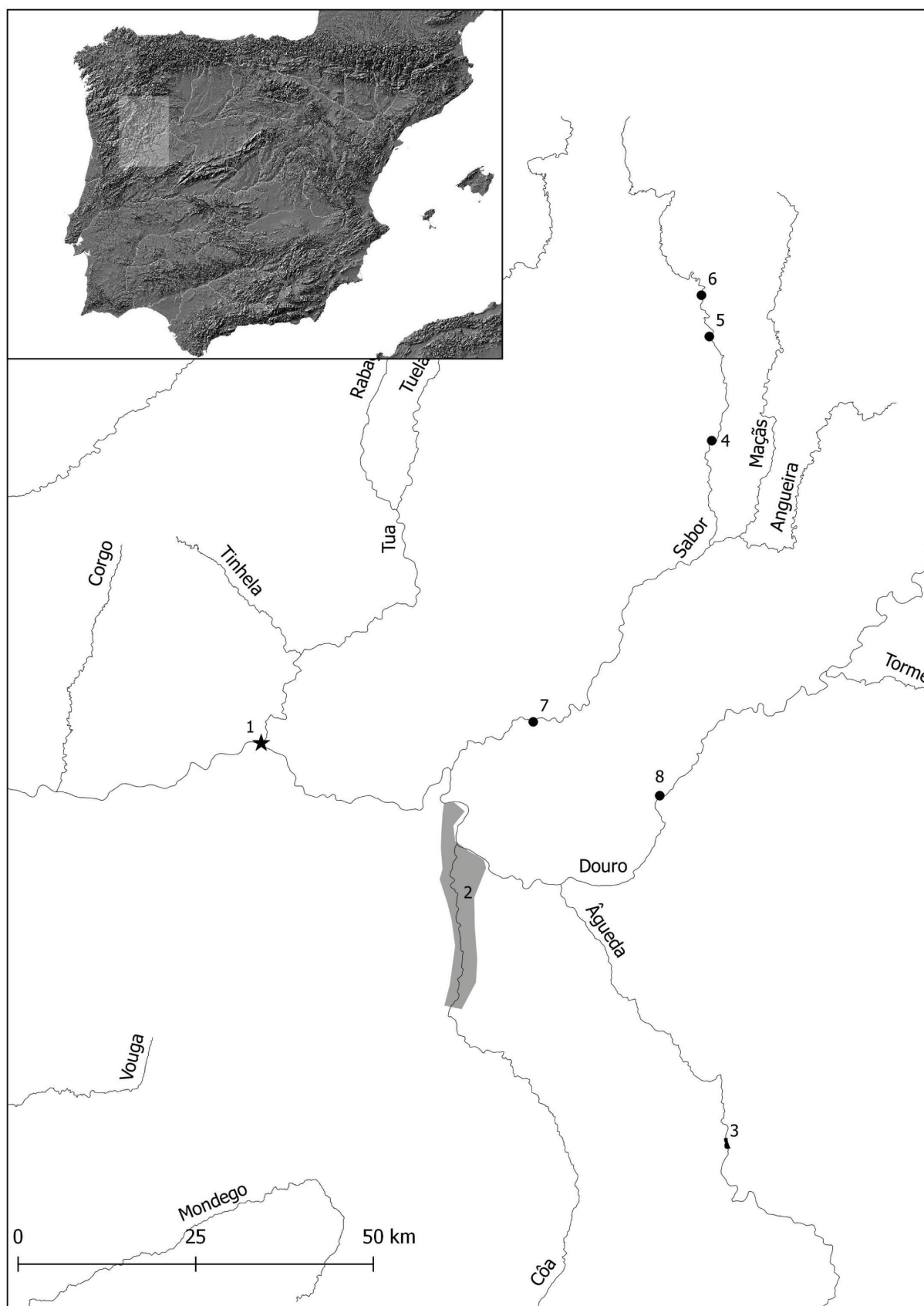


Fig. 1: Distribuição da arte paleolítica pré-magdalenense em Trás-os-Montes e Alto Douro. 1- Abrigo da Foz do Tua; 2- Conjunto do Vale do Côa; 3- Conjunto de Siega Verde; 4-5-6 —conjunto do Alto Sabor (4- Fraga Escrevida; 5-Pousadouro ;6-Sampaio); 7-Ribeira da Sardinha; 8- Cavalo de Mazouco

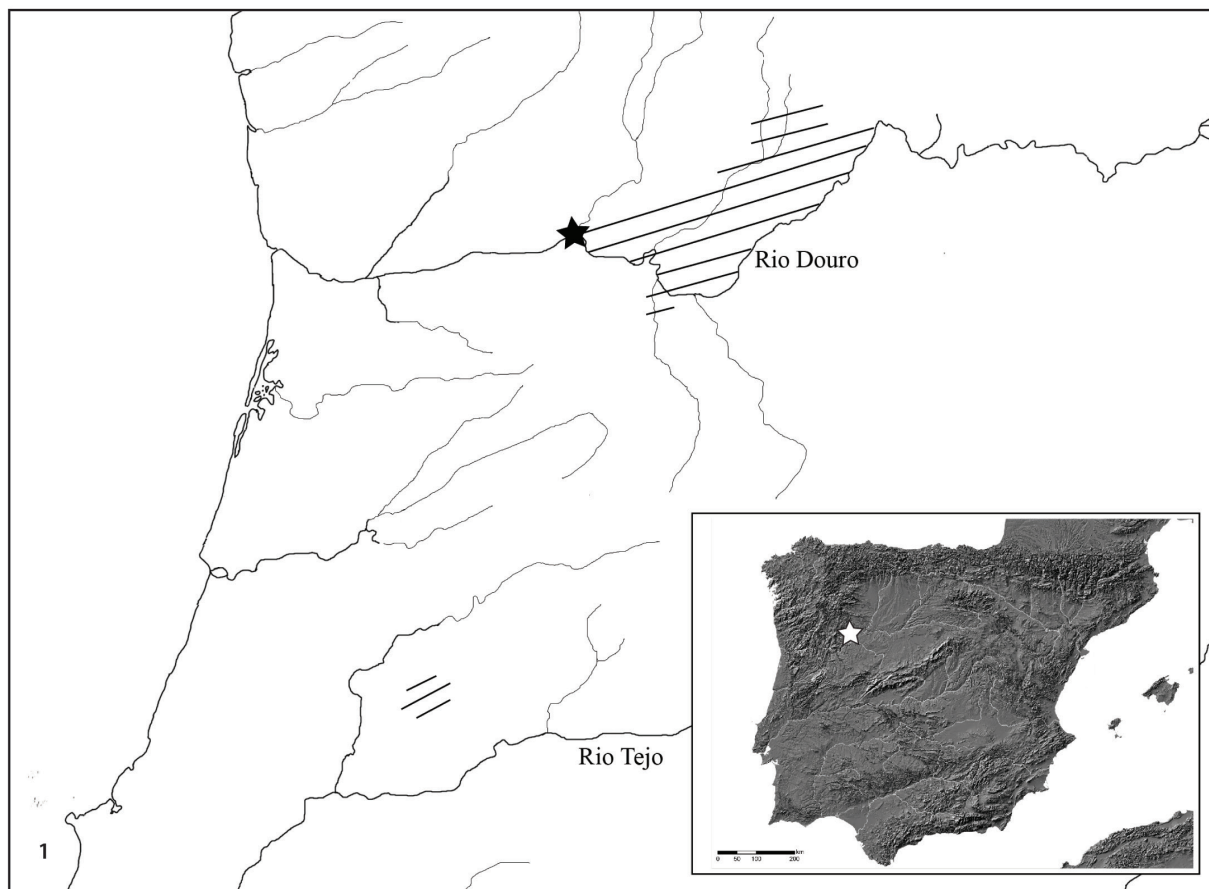
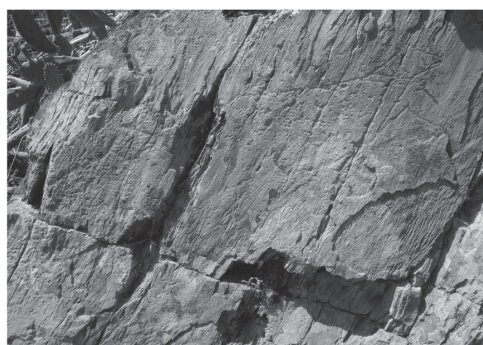


Fig. 2: 1- Distribuição das gravuras com unhadas/riscos finos no território português e localização do Abrigo da Foz do Tua; 2- Vista frontal ao abrigo, a partir de leste, com indicação das partes A e B.

Painel 31
Registo gráfico

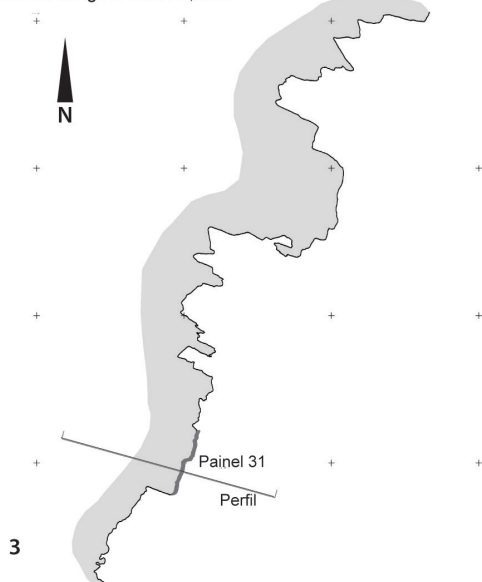


1



2

Planta do abrigo à cota 79,00m



3

Perfil

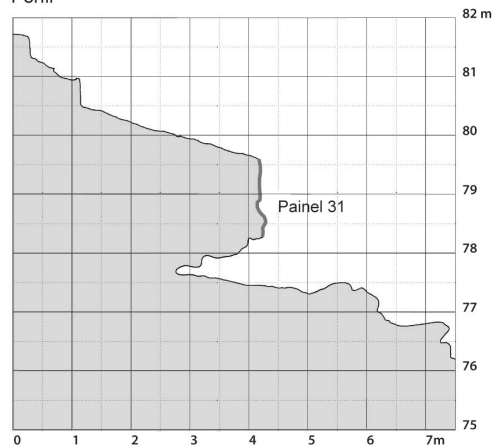


Fig. 3: Painel 31.1- Fotografias: Vista geral da área gravada; Detalhe do veado-cavalo-auroque; 2- Levantamento gráfico; 3- Localização do painel em planta e perfil topográfico perpendicular ao painel (adaptado dos registos realizados por H.Pires - Superfície, Lda).



Fig. 4: 1- Levantamento gráfico do Painel 1 do Abrigo B; 2- Levantamento gráfico do painel 3 do Abrigo B.

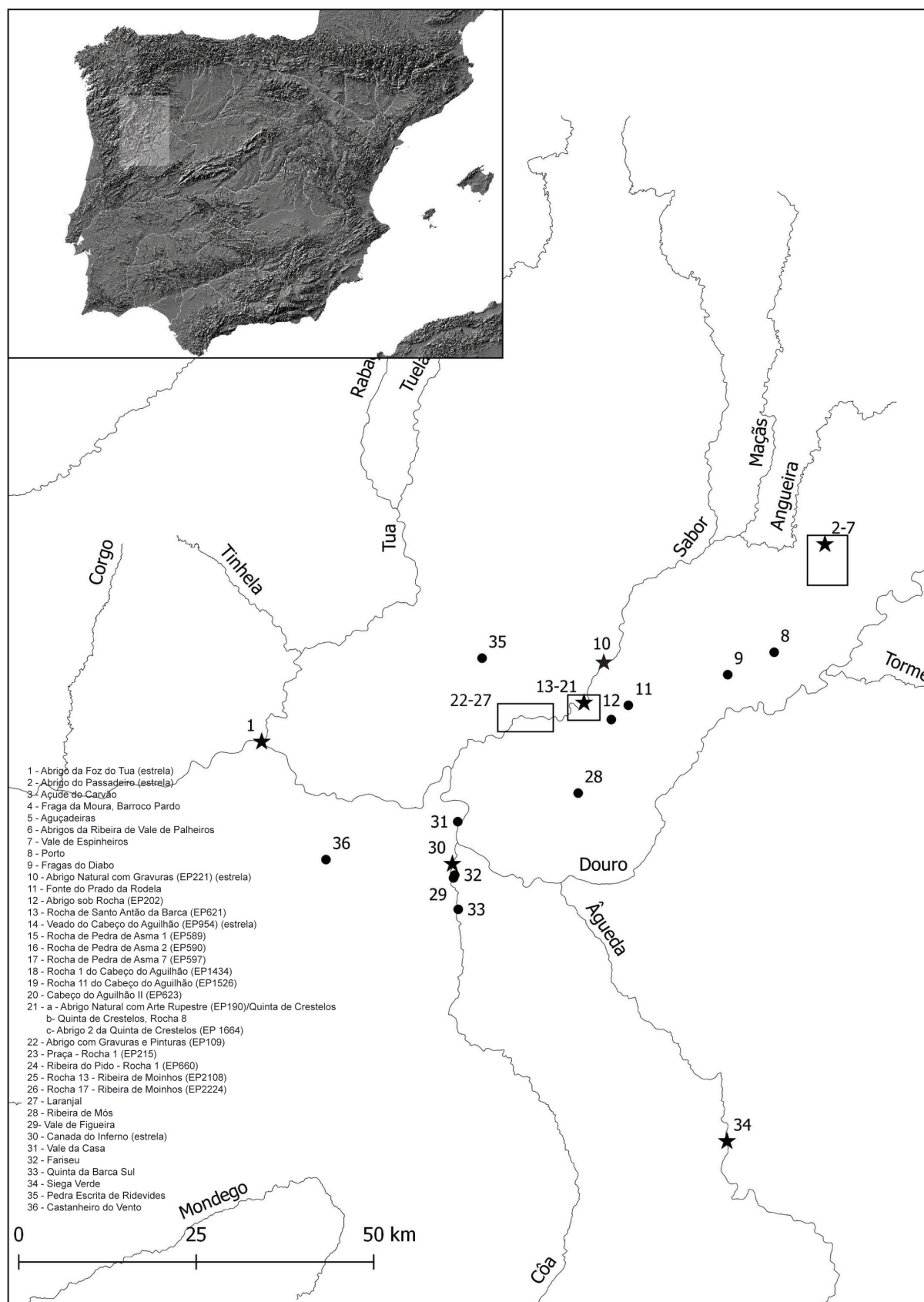


Fig. 5: Sítios com gravuras de unhadas/riscos finos e com gravuras do Tardiglacial/inícios do Holoceno em Trás-os-Montes e Alto Douro. Marcam-se com uma estrela os locais com zoomorfos subnaturalistas e esquemáticos.

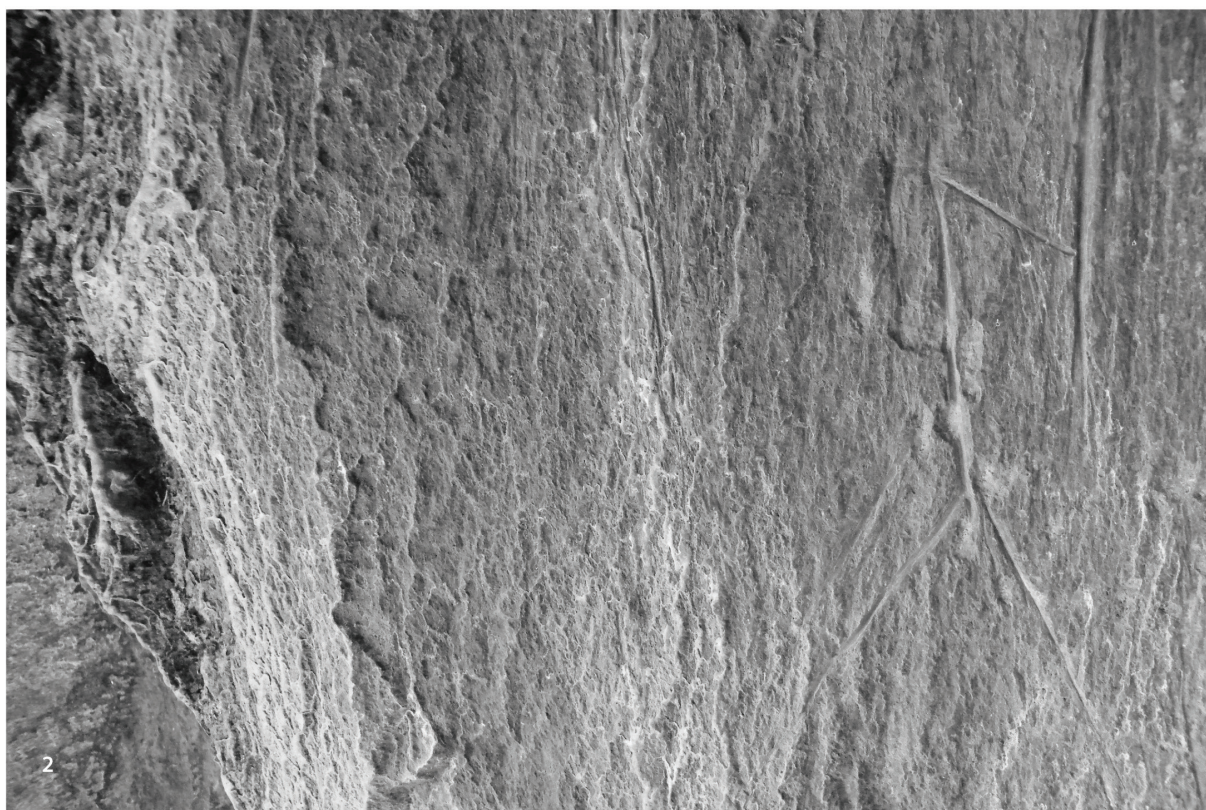


Fig. 6: 1- Painel 18, detalhe. Notem-se as configurações comuns das unhadas, em lambda e em banda ou pares paralelos. Chamamos ainda a atenção para as incisões finas que acompanham estas figuras, sendo que neste caso ocorrem ainda riscos e martelados mais recentes, distintos na fotografia pelo tom mais claro. 2- Painel 7, detalhe. Note-se a superfície com concreções do painel, “fossilizando” já alguns riscos. Pormenor de alguns riscos aprofundados, bem como dos outros mais finos e de muito difícil observação.

Painel 7
 Levantamento gráfico



0 5 10 15 20 cm

Planta do abrigo à cota 79,00m

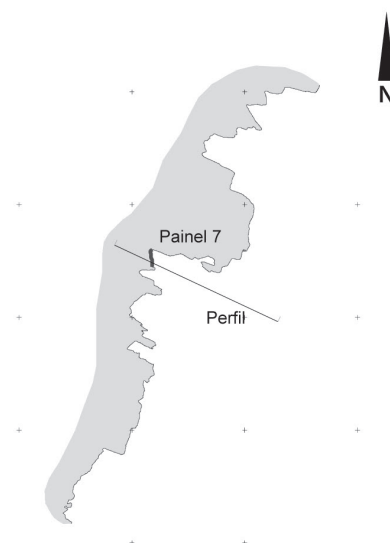
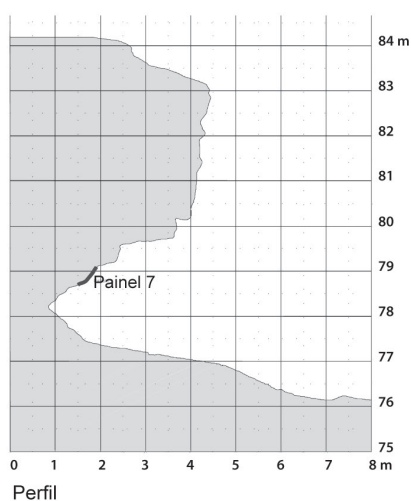


Fig. 7: Painel 7: Levantamento gráfico, localização em planta e em perfil no abrigo (adaptado dos registos realizados por H.Pires - Superfície, Lda).

Painel 36
Levantamento gráfico



Painel 18
Levantamento gráfico



Fig. 8: 1- Painel 36, levantamento gráfico; 2- Painel 18, levantamento gráfico.

Painel 6
 Levantamento gráfico



Fig. 9: Painel 6: 1- Levantamento gráfico; 2- Fotografia de detalhe do painel: destaca-se a complexa relação crono-estratigráfica dos motivos no painel, bem como a superfície altamente afectada de concreções e lascagens.

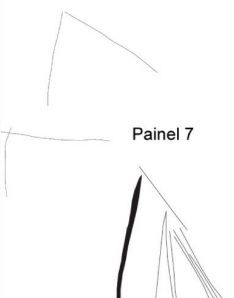
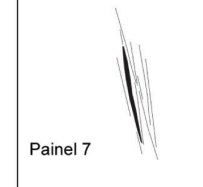
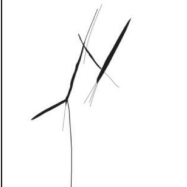
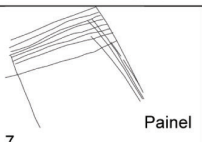
Associações formalizadas de unhadas e incisões finas no abrigo da Foz do rio Tua			
	Associações (alguns exemplos)		Descrição
1	 Painel 6	 Painel 13	Pares de linhas em posição paralela.
2	 Painel 6	 Painel 7  Painel 19	Linhas em configuração angular: linhas convergentes, ou tendencialmente convergentes, num dos vértices; linha convergindo a meio segmento de outra linha (configuração tipo <i>lambda</i> ou "y" e <i>lambda</i> invertido)
3	 Painel 6  Painel 18	 Painel 13  Painel 42  Painel 23	Grupos de linhas tendencialmente paralelas, podendo configurar bandas mais ou menos longas.
4	 Painel 36	 Painel 7	Feixes de linhas (grupos de linhas muito concentradas).
5	 Painel 13	 Painel 7	Variações em torno de duas linhas verticais unidas por outra perpendicular – variações tipo "H". Tem expressão particular no painel 13.
6	 7 Painel	 Painel 9	Outras associações

Fig. 10: Quadro 1: Tabela de associações de unhadas/ riscos finos no abrigo da Foz do Rio Tua.

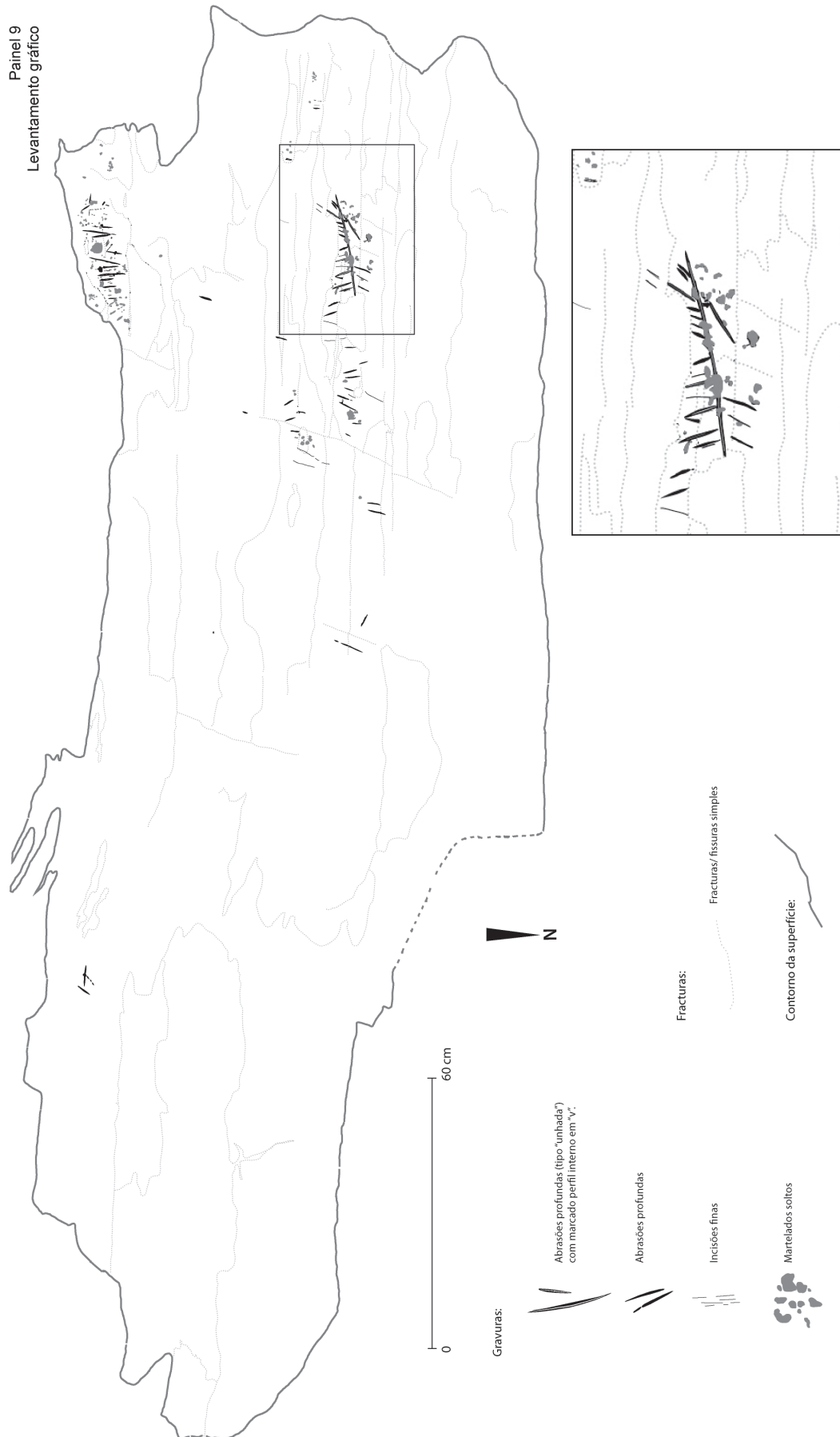


Fig. 11: Painel 9: Levantamento gráfico.



Fig. 12: Painel 13: Levantamento gráfico.



Fig. 13: 1- Painel 13, detalhe da área mais densamente gravada do painel. Nota-se ainda a pequena depressão para onde converge o fio de água, canalizada pelo sulco, igualmente visível, que marca o topo da superfície. 2- Painel 5, parte a, correspondendo ao que resta da superfície mais antiga do painel, gravada com um expressivo conjunto de unhadas/ riscos finos. Nesta superfície constatámos que ocorreu o polimento prévio da mesma, anterior à gravação.

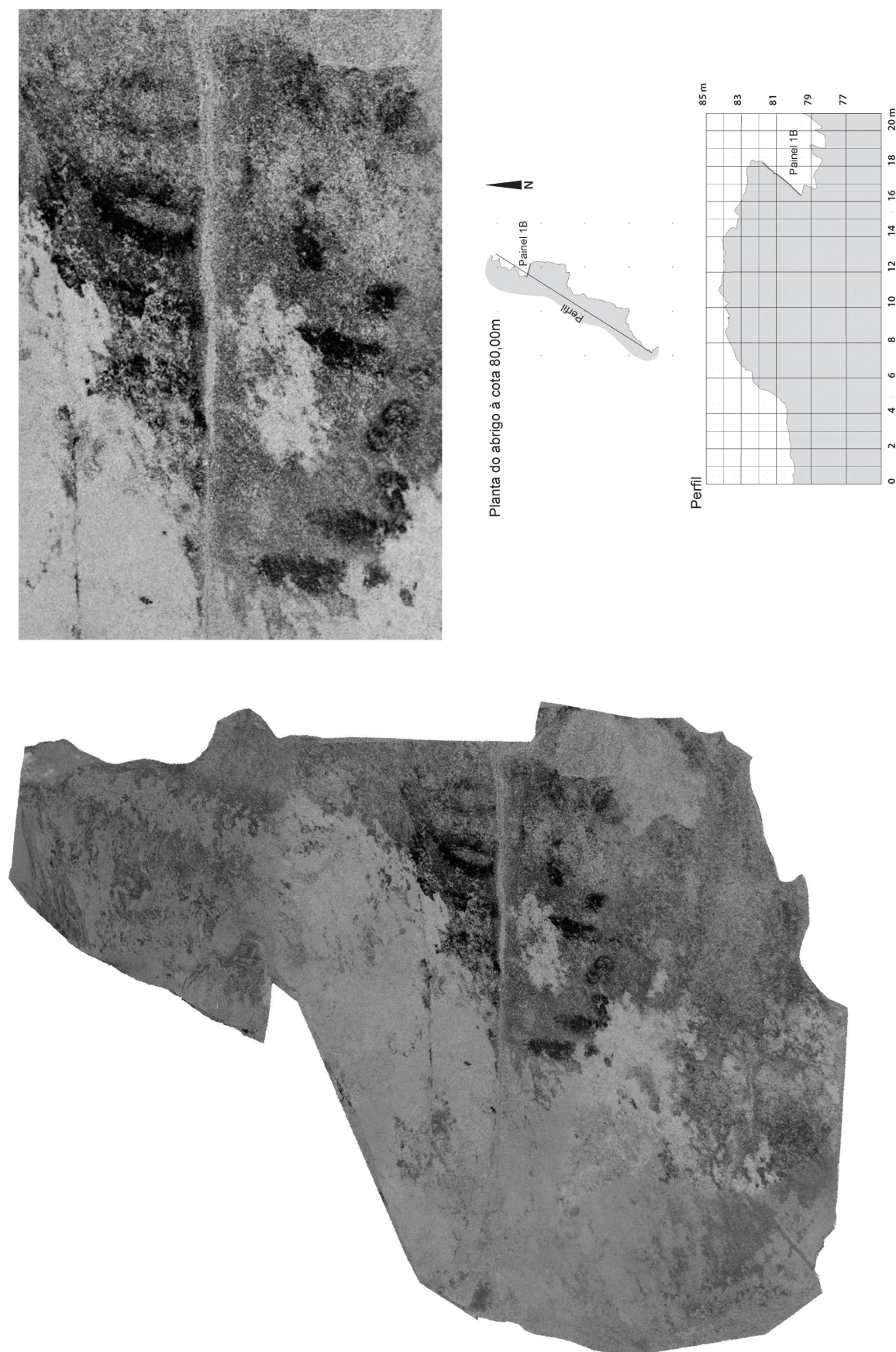


Fig. 14: Painel 1 do abrigo B: Registo por fotografia multiespectral; localização em planta e perfil topográfico (adaptado dos registos de H.Pires e L.Bravo - Superfície, Lda.).

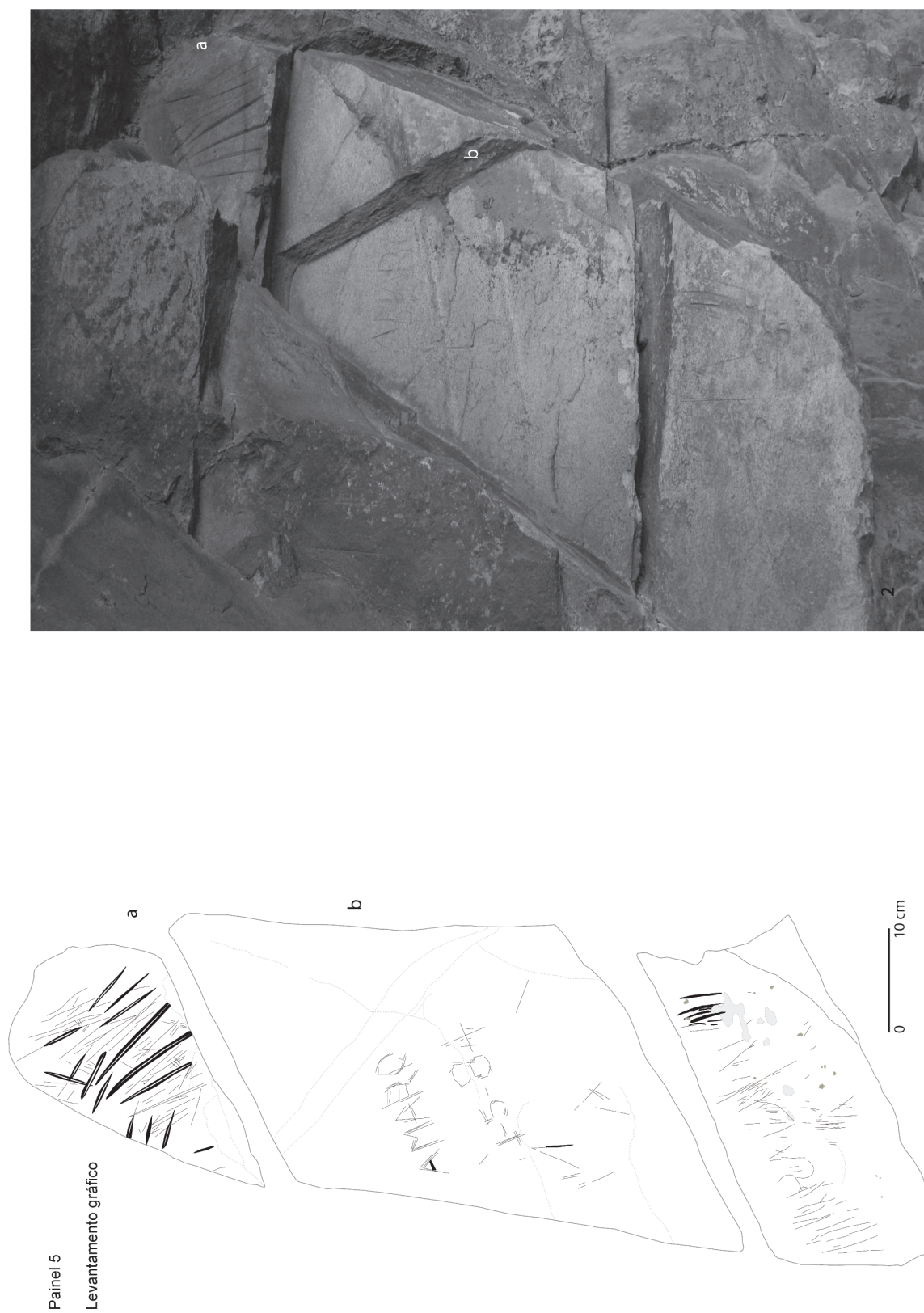


Fig. 15: 1- Painel 5, levantamento gráfico; 2- Painel 5, fotografia geral do painel. Note-se como a área a corresponde a uma superfície mais antiga do painel. Uma fractura terá conduzido ao desprendimento de uma laje, deixando exposta a superfície correspondente à área b do painel, com gravuras mais recentes. As abrasões mais profundas que aí se identificam representam assim bem a permanência e imitação dos gestos até tempos recentes.



Fig. 16: 1- Painel 35, levantamento gráfico; 2- Painel 37, levantamento gráfico.

SUMÁRIO

O ABRIGO RUPESTRE DA FOZ DO TUA NO CONTEXTO DA ARTE PALEOLÍTICA E PÓS-PALEOLÍTICA DO NOROESTE DA PENÍNSULA IBÉRICA

Joana Castro Teixeira e Maria de Jesus Sanches

9

AS GRAVURAS RUPESTRES DO MONTE FARO (VALENÇA, VIANA DO CASTELO) – UM EXEMPLO MAIOR DA ARTE ATLÂNTICA PENINSULAR

Lara Bacelar Alves e Mário Reis

49

TRAS UN DENARIO IMITATIVO DE TURIASU HALLADO EN VILA REAL (PORTUGAL)

David Martinez Chico

87

VILLA CARDILIO (TORRES NOVAS, SANTARÉM): UNA REVISIÓN DESDE LA NUMISMÁTICA

Noé Conejo Delgado

99

INSCRIÇÕES MEDIEVAIS E MODERNAS DE VILA DO CONDE (SÉCULOS XV A XVII)

Mário Jorge Barroca

127